

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL**

Natália Dos Santos Beck

**TATUAGEM COMO UM MECANISMO DE COMUNICAÇÃO VISUAL DA
IDENTIDADE DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DO CORPO
A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “METAMORFOSES”**

PROJETO EXPERIMENTAL DE GRADUAÇÃO

Santa Maria, RS

2017
Natália dos Santos Beck

**TATUAGEM COMO UM MECANISMO DE COMUNICAÇÃO VISUAL DA
IDENTIDADE DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DO CORPO
A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “METAMORFOSES”**

Projeto Experimental de Graduação
apresentado ao Curso de Comunicação Social
– Produção Editorial da Universidade Federal
de Santa Maria como requisito parcial para
obtenção do título de **Bacharel em
Comunicação Social – Produção Editorial.**

Orientador: Prof. Dr. Leandro Stevens
Coorientador: Me. Felipe Dagort

Santa Maria, RS
2017

Natália dos Santos Beck

**TATUAGEM COMO UM MECANISMO DE COMUNICAÇÃO VISUAL DA
IDENTIDADE DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DO CORPO
A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “METAMORFOSES”**

Projeto Experimental de Graduação
apresentado ao Curso de Comunicação Social
– Produção Editorial da Universidade Federal
de Santa Maria como requisito parcial para
obtenção do título de **Bacharel em
Comunicação Social – Produção Editorial.**

Prof. Dr. Leandro Stevens (Orientador/UFSM)

Me. Camila Marques (POSCOM/UFSM)

Prof. Dr. Luciano Mattana (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

*À toda a minha família, em especial:
À minha mãe Carla, por todo amor em tudo que faz por mim.
Ao meu pai Denilson, por todo o suporte e incentivo aos estudos.
E ao meu querido irmão João Pedro.
Com carinho, Natália.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Leandro Stevens por ter acreditado desde o início no meu projeto e ao meu coorientador Felipe Dagort por toda a atenção e motivação. Ao Thomás Townsend por toda disponibilidade e apoio. Ao Estúdio 21, bem como os seus técnicos, em especial ao Diego Fabian Pimentel, ao Márcio Echeverria Gomes e ao Rafael Silveira, por todo o auxílio técnico e aprendizado. Ao Victor Mascarenhas e ao Alexandre Bender pela parceria na composição da trilha musical do documentário. Ao Thiago Brenner, ao Guilherme Senna e à Camila Vermelho. À TV Campus por me propiciar experiência em audiovisual durante o meu estágio na graduação e todo o apoio a este projeto, em especial ao diretor Davi S. Pereira. À UFSM por ter me proporcionado toda esta experiência maravilhosa de graduação, todo o conhecimento e suporte técnico tornando possível tudo isto acontecer. À minha mãe Carla, às minhas amigas Daiane Tereza Bedin e Gabriela Barreto por todo carinho, amparo e incentivo. Ao meu pai Denilson, e ao meu tio Géverson Cardoso por toda assistência. À minha família, em especial aos meus avós maternos Carlos Pereira dos Santos e Laides Cardoso. Por fim, a todos que me ajudaram direta ou indiretamente na concretização deste projeto, isto só se deu pelo apoio de vocês. Meu mais sincero, muito obrigada!

Tatuagem (s.f.)

É cicatriz que a alma fecha. É marca de nascença que a vida se esqueceu de desenhar, e a agulha não. É quando o sangue vira tinta. É a história que eu não conto em palavras. É o quadro que eu resolvi não pendurar na parede da minha casa. É quando eu visto a minha pele nua com arte.

O Livro dos Resignificados, João Doederlein

RESUMO

O presente projeto trata da produção de *Metamorfoses*, documentário de estilo poético sobre a tatuagem como um mecanismo de expressão visual da identidade do indivíduo através do corpo. Como principais autores, para o aprofundamento teórico do tema abordado, me embasei em obras de Le Breton (2003), Pires (2005; 2009), Miranda (2011) e Nichols (2007). Após a discussão teórica do assunto, apresento o projeto do documentário juntamente com suas fases de pré-produção, produção e pós-produção. Com este projeto experimental de conclusão de curso, pude aprofundar o meu conhecimento teórico acerca da tatuagem, da modificação corporal e da identidade, bem como o conhecimento prático e a efetivação de um produto audiovisual, perpassando por todas as suas etapas de elaboração.

Palavras-Chaves: Tatuagem; Modificação Corporal; Identidade; Documentário Poético; Audiovisual.

ABSTRACT

This project deals with the production of *Metamorphoses*, poetic style documentary about tattoo as a mechanism for visual expression of the individual's identity through the body. As main authors, I am based on works written by Le Breton (2003), Pires (2005; 2009), Miranda (2011) and Nichols (2007). After a theoretical discussion about the main subject, I present the documentary project and its phases as pre-production, production and post-production. With this bachelor experimental project, I could go deep on the knowledge about tattoo, corporal modification and identity, as well as about the realization process for an audiovisual product, going through all its production stages.

Keywords: Tattoo; Body modification; Identity; Poetic Documentary; Movie.

SOMMAIRE

Le présent projet traite de la production de *Métamorphoses*, documentaire de style poétique sur le tatouage comme un mécanisme d'expression visuelle de l'identité de l'individu à travers le corps. Comme auteurs principaux, pour l'approfondissement théorique du sujet, je me suis basé sur des travaux de Le Breton (2003), Pires (2005; 2009), Miranda (2011) et Nichols (2007). Après la discussion théorique sur le sujet, je présente le projet du documentaire ainsi que ses phases de pré-production, de production et de post-production. Avec ce projet expérimental d'achèvement de cours, j'ai pu approfondir mes connaissances théoriques sur le tatouage, la modification corporelle et l'identité, ainsi que les connaissances pratiques et l'efficacité d'un produit audiovisuel, en passant par toutes ses étapes d'élaboration.

Mots-clés: Tatouage; Modification du corps; Identité; Documentaire poétique; Cinéma.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Cena das Ofélias na água – Filme Elena | 37 |
| Figura 2 - Cena da videoarte do documentário Metamorfose | 39 |
| Figura 3 – Cena da videoarte do documentário Metamorfose | 39 |
| Figura 4 – Cena da performance com tinha do documentário Metamorfose | 40 |
| Figura 5 – Paleta de cor criada para o documentário Metamorfose | 43 |

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------|--------------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 REFERENCIAL TEÓRICO | 15 |
| 1.1 TATUAGEM | 15 |
| 1.2 MODIFICAÇÃO CORPORAL | 21 |
| 1.3 IDENTIDADE | 25 |
| 1.4 CORPO | 29 |
| 1.5 DOR | 32 |
| 2 DOCUMENTÁRIO | ...34 |
| 2.1 DOCUMENTÁRIO POÉTICO |34 |
| 2.2 VIDEOARTE |37 |
| 2.3 METAMORFOSES - O DOCUMENTÁRIO |40 |
| 2.4 ROTEIRO BASE |44 |
| 3 DIÁRIO DE CAMPO | 55 |
| 3.1 PRÉ-PRODUÇÃO | 55 |
| 3.2 PRODUÇÃO | 59 |
| 3.3 PÓS-PRODUÇÃO | 60 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 63 |
| REFERÊNCIAS | 66 |
| APÊNDICES | 70 |
| APÊNDICE A | 76 |
| APÊNDICE B | 76 |
| APÊNDICE C | 78 |
| APÊNDICE D | 80 |
| APÊNDICE E | 81 |
| APÊNDICE F | 94 |

INTRODUÇÃO

Provinda de povos tribais, a tatuagem é uma prática muito antiga, sendo efetuada com acatamento cultural por estas comunidades nativas, demarcando entre seus membros – através de rituais – hierarquia social e status dentro a sociedade, veneração religiosa e mística, ritos de passagem ou decoração corporal. No mundo contemporâneo, a prática de se tatuar é realizada corriqueiramente por pessoas das demais classes, gêneros, faixas etárias e culturas. Durante este período de tempo, desde o surgimento até os dias de hoje, houve um gradual aprimoramento em relação às técnicas, tintas, equipamentos, esterilizações e motivações para se tatuar.

Apesar de a tatuagem permanecer ativamente na história da humanidade como mecanismo de expressão, comunicação e arte, tanto para grupos nativos como na sociedade contemporânea, raramente encontramos produtos midiáticos, como livros, revistas, filmes e documentários que tratem da tatuagem com este vínculo “mais profundo” referente ao ato de se tatuar. Quando encontramos o tema - na mídia brasileira - o perfil que referendam a tatuagem é corriqueiramente ligado a desenhos da moda, de fins estéticos puramente comerciais e de alta reprodutibilidade ou homenagens a algo ou alguém (bandas musicais, ídolos, amigos, familiares...). Em relação às produções no quesito audiovisual, nota-se, explicitamente, que o tema desenvolvido nos mesmos não possui preocupação com a estética final do produto, tanto em relação às imagens quanto na trilha sonora e na voz própria da obra, como bem se vê em matérias televisivas e documentários de estilo expositivo sobre o tema.

A tatuagem é uma esfera do âmbito da arte, além disso, ela é marcada definitivamente na pele das pessoas (sendo um processo naturalmente “invasivo”, havendo sentimentos e idealizações envolvidos). Com isso, o **assunto** necessitaria de certa sensibilidade estética e de linguagem, principalmente em produtos como audiovisuais e revistas que trabalham fundamentalmente com imagens, porém, na prática não é o que encontramos. Além desta deficiência técnica - visual e sonora – de produtos midiáticos, é visível a extrema carência de informação em relação ao aprofundamento de estudos e pesquisas sobre o tema em departamentos como na comunicação social, antropologia, ciências sociais, artes e psicologia, principalmente no que se refere a estudos como identidade cultural, comunicação, expressão corporal e psique humana (como os desejos do inconsciente). Bem como a escassez de

estudos referentes a outras práticas como a *body art* (arte corporal) e a *body modification* (modificação corporal) mais extremas, principalmente no que tange ao aprofundamento do tema interligado à expressão individual e em grupos sociais como nas tribos urbanas.

O projeto experimental “metamorfozes” consiste na produção de um documentário de estilo poético com o tema “tatuagem como um mecanismo de comunicação visual da identidade do indivíduo através do corpo”. O mesmo é composto por depoimentos de personagens reais, narração poética, performance artística, videoarte e trilha sonora autoral. Com a finalidade de inovar nas produções audiovisuais e documentários sobre o tema, tanto em relação à estética visual, bem como na linguagem e produção sonora autoral, expondo um novo olhar e propiciando uma nova discussão acerca da tatuagem e suas vertentes como a modificação corporal, o uso social do corpo, a arte e a identidade cultural.

O **objetivo** deste projeto experimental é emergir amplamente o tema tatuagem, bem como os demais modos de modificação corporal, analisando-as em seu aspecto social, no qual desempenham funções de mecanismos de expressão corporal e de completude na identidade do indivíduo, oferecendo um novo olhar acerca do tema. Não abordarei, criteriosamente, a tatuagem como ato puramente estético, de caráter comercial e/ou homenagens a algo ou alguém, pois estes são os significados mais comuns na prática da tatuagem atualmente no mundo ocidental. Apresentarei, portanto, um olhar mais artístico ao espectador, subjetivo e poético em relação ao tema, de modo a possibilitar, conseqüentemente, uma visão mais sensível perante às práticas e ao próprio corpo como meio de expressão.

Com este projeto, quero levar às pessoas um novo conceito sobre o **tema** e possibilita-las expandir suas visões e pensamentos acerca da importância do ato de usufruir do corpo como meio de expressão individual e social, através da prática da tatuagem, da *body modification* e/ou da *body art.*, visando a descaracterização estigmática e a desconstrução do “pré-conceito” impregnado fortemente na nossa sociedade, onde, primeiramente, no imaginário popular os tatuados ou adeptos das modificações corporais mais extremas são sempre relacionados à marginalização, criminalização e à degradação do próprio corpo. Visão conseqüente da escassa informação e descaso pelo qual a mídia de massa aborda o assunto, quando tratado, é de maneira superficial ou de caráter estigmatizado, reforçando ainda mais a visão negativa fortemente existente na sociedade.

Esta mentalidade foi enraizada pela cultura religiosa cristã, vigente no mundo ocidental, em que o corpo é visto amplamente como “obra divina e sagrada”, no qual o

homem não deve interferi-lo de forma alguma, salvo em algumas questões de fins medicinais, crença esta que aumenta consideravelmente a repulsa popular quando a intervenção é consequência do livre arbítrio do indivíduo, a fim de “corromper negativamente” a “obra de Deus”. As modificações mais extremas como tatuagem no rosto, *eyeball tattoo* (tatuagem no globo ocular), escarificações (cortes na pele feito com bisturi formando um desenho através da cicatriz), *branding* (queimadura na pele), implantes subcutâneos (nesta técnica o implante fica dentro da camada da pele, apenas o relevo do implante fica aparente), transdermais (nesta, uma parte da joia fica dentro da camada da pele e a outra fica exposta), bifurcação de língua e suspensão corporal são as intervenções mais rejeitadas socialmente. Já que, no imaginário popular, estas modificações além de transfigurar a figura natural do homem “feito à imagem e semelhança de Deus” (BÍBLIA, Gênesis, 1, 26-28), causa também a dor carnal volitivamente, agredindo e destruindo a “perfeição” do mesmo. Provavelmente por causa disto, estas são as intervenções de mais difícil acesso, tanto em relação aos profissionais aptos para desempenhar tais procedimentos, quanto aos locais adequados para a execução dos mesmos.

A **justificativa** de produzir um documentário de estilo poético sobre a tatuagem surge da escassez de produtos midiáticos referentes ao aprofundamento do tema, bem como o posterior estudo teórico ligado à subjetividade do indivíduo tatuado, bem como a sua identidade cultural e que englobe, também, questões como dor, modificação corporal e arte. É notória a carência, se não, ausência de documentários de temas relacionados ao uso do corpo como instrumento de exteriorização da expressão pessoal, propenso à mudanças e modificações conforme anseios e desejos individuais, bem como, suporte de experimentação artística e manifestação da identidade. Muito destes documentários que são produzidos sobre tatuagem não possuem uma ínfima preocupação com a estética final do material. Além disso, estes produtos não são criados para servirem também como uma manifestação artística e poética, na qual sua construção não possuem um cuidado nas escolhas de utilizar de diferentes linguagens e do refinamento de ideias sobre como e o que extrair do tema, de maneira que o produto e a ideia “casem” perfeitamente. Os documentários disponíveis na internet e veiculados na televisão paga (na sua maioria de origem estrangeira) são frequentemente de estilo expositivo, participativo ou no formato *reality show*. Aqui, as obras apenas reproduzem informações superficiais e curiosidades técnicas ou consideradas “anormais” para o senso comum, raramente são aprofundadas questões mais relevantes sobre o tema nestes produtos,

não havendo preocupação com a interdisciplinaridade do conteúdo, a estética final e a produção puramente autoral da obra.

Através da parte teórica deste projeto experimental, me preocupei em relatar para o leitor – de forma resumida - a história da tatuagem, desde os tempos tribais até o seu uso na contemporaneidade, o aprimoramento de seus equipamentos, suas técnicas, significações, etc, e assuntos interligados como a *body modification* e a *body art*, perpassando por uma sensível reflexão antropológica, sociológica e psicológica do indivíduo tatuado/modificado, tanto quanto suas práticas individuais e em subgrupos denominados “tribos urbanas”. Também, como a fundamental discussão da importância do uso social do corpo (além da questão biológica e fisiológica), não sendo o corpo somente um meio de “suporte” ou um conjunto de organismos vitais essenciais para o funcionamento de todos os órgãos do indivíduo, mas sim, um instrumento físico estruturado do e para o sujeito, estando disponível e propício para qualquer intervenção e modificação que o mesmo almeje realizar em si, além dos processos naturais como o tempo, por exemplo, que propiciam mudanças físicas no corpo durante a vida. Visando uma maior explicitação e contextualização sobre o tema para o leitor, que muitas vezes, não possui conhecimento sobre o assunto ou a importância e a ampla interligação com as demais áreas de estudo, almejo situar e informar o leitor, de tal forma que se transcenda o próprio documentário *Metamorfoses* e, assim, se construa um processo de conscientização e compreensão mais profunda do tema aqui abordado, estimulando, até mesmo, discussões e reconfigurações das visões tradicionais.

É necessário, fundamental e urgente fazer circular informações e produtos com uma nova linguagem, possibilitando uma diversidade de olhares, concepções e discussões acerca da tatuagem, da modificação corporal e do uso social do corpo, para assim compreender melhor as práticas de expressões corporais do homem como indivíduo, comunicador e ser social.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, abordo o tema principal deste projeto experimental, bem como uma conexão com suas vertentes. Inicialmente, trago, de maneira resumida, toda a história da tatuagem, desde suas primeiras aparições que se têm notícias até os dias atuais; os povos que a usavam juntamente com os seus mais diversos significados; a origem da palavra; suas técnicas e equipamentos; sua propagação no mundo ocidental; o surgimento da máquina de tatuar elétrica; e sua aparição no Brasil. Divididos em subcapítulos, abordo, num aspecto mais profundo, vertentes interligadas ao tema, como: Modificação Corporal; Identidade; Corpo; e Dor. Trazendo à tona a possibilidade de um novo olhar acerca destas temáticas e inteirando o leitor do embasamento teórico do conteúdo do documentário *Metamorfozes*.

1.1 TATUAGEM

*“O mais profundo do homem é a pele.”
(Paul Valéry)*

O homem é naturalmente um ser comunicativo e expressivo. Na pré-história - época anterior à escrita – há cerca de 40 mil anos atrás, o homem já se manifestava de forma artística, reproduzindo representações gráficas como desenhos, símbolos, ideogramas e sinais no interior das cavernas ou superfícies rochosas, com o intuito de comunicar e se expressar para com os demais da tribo, exteriorizar alguma fase da vida, do cotidiano ou lembrança. Aristóteles afirma que “somente o homem é um ‘animal político’, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem” (FRANCO JUNIOR, 2014). Desse modo, entende-se por “linguagem” todo o ato de entender-se e fazer-se comunicar, sendo cabível somente a nossa espécie o dom natural da expressividade e a necessidade da comunicação. Segundo este raciocínio, o linguista Hjelmslev afirma que a linguagem é inseparável [...],

É o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana (HJELMSLEVapud CHAUI, 2000, p.1).

E dessa profunda imprescindibilidade de comunicação que possuímos, Rousseau afirma que “Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante

e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso” (ROUSSEAU apud CHAUI, 2000, p. 1).

O homem, desde suas origens até os dias atuais, busca nos mais diversos meios, seja na arte, na escrita, na linguagem, na dança, entre outros, formas de se comunicar e de exteriorizar seus sentimentos, necessidades e ideologias existentes em seu interior. Continuamos reproduzindo os mesmos atos dos hominídeos da era pré-letrada, antes mesmo das civilizações por meio da comunicação através de grafias, sejam símbolos, ilustrações ou sinais de maior ou menor refinamento no traço, técnica ou estilo. Esta reprodução, normalmente, era usada para tencionar a demarcação de algum acontecimento, expressando para o outro sentimentos, necessidades individuais e políticas através de signos, palavras e desenhos. Tais manifestações que exteriorizamos diariamente não utilizam somente de papéis descartáveis como meios para as inscrições, utilizam de um suporte mais significativo e permanente, a pele. A esta prática, em que “signos cutâneos imprimem na carne” (LE BRETON, 2003, p. 38) de maneira definitiva, chamamos de tatuagem, a qual possui uma complexa conexão com o ato primitivo de “expressão” enraizado em nossas origens.

A tatuagem é uma técnica milenar, datada desde o período pré-histórico e persistindo fortemente na prática contemporânea. É considerada, também, como uma das modificações corporais mais cultuadas e conhecidas no mundo. “*Tattoo*”, do inglês, é derivada do “*tattoow*” (lê-se tatau), palavra usada pelos nativos das Ilhas do Pacífico Sul para designar “tatuagem”. O ocidental a escutar pela primeira vez a expressão foi James Cook, capitão inglês, que “aportou no Taiti com seu navio *Endeavour*, em abril de 1769” (ARAÚJO, 2005, p. 37). “*Tattoow*” nada mais é do que uma onomatopeia do som produzido durante a batida de martelinhos de madeira ou bambus num ancinho de ossos ou dentes pontiagudos e afiados para introduzir a tinta na pele, de maneira a manter-se definitiva, dando origem ao que conhecemos por tatuagem.

A técnica que compõem a tatuagem é a única que faz com que o símbolo ali demarcado sobre a pele permaneça permanentemente. O tecido epitelial que recobre a parte externa do nosso corpo possui três camadas distintas: a epiderme (a mais externa), a derme (intermediária) e a hipoderme (a mais profunda de todas). A tatuagem possui este caráter porque o pigmento é introduzido numa das camadas mais profundas da pele - a derme -, já que a camada exterior - a epiderme - se renova com o tempo. As agulhas perfuram a pele à medida que introduzem a tinta na derme, com isso provoca um “ferimento” onde as células do

sistema imunológico são ativadas e chegam ao local da ferida para repará-la. Inicialmente, a tinta também se deposita na epiderme, mas à medida que ocorre a cicatrização as células epidérmicas se descamam e o organismo faz uma renovação de células que leva de duas a quatro semanas. Porém, as células dérmicas se mantêm no mesmo lugar até morrerem, quando são absorvidas com a tinta por células mais jovens, através deste processo a tinta permanece definitivamente no mesmo lugar.

Diversos povos, em épocas remotamente primitivas, se utilizavam da tatuagem pelos seus mais variados motivos. O homem sempre teve o intuito de demarcar algo, de criar e de produzir, em meio a instrumentos e materiais primários, conseguiu mesmo de maneira rústica, encontrar intermédios na natureza para expô-los através da pele. O símbolo ali demarcado, através do processo técnico e da dor, denota de forma visual a identidade do indivíduo tatuado. Este processo da tatuagem, tal qual outras intervenções corporais, como adornos exibidos nas mais diversas partes do corpo através de perfurações, e a suspensão corporal consistindo no pender do indivíduo por ganchos na sua pele, eram vistos como um ritual pelas tribos da época.

O primeiro homem tatuado na história, que se têm notícias, foi Ötzi, mais conhecido como o “homem de gelo”. A múmia foi descoberta em 1991 na região dos Alpes (entre a Itália e a Áustria). Com cerca de 5.300 anos, Ötzi possuía em torno de 60 tatuagens pelo corpo. Pesquisadores estão em busca dos significados das tatuagens do “homem de gelo”, pois não se sabe se foram feitas por motivos medicinais usando de técnicas terapêuticas similares à acupuntura, crença ou outras significações. Porém, sabe-se que “todas elas foram realizadas com a mesma técnica: perfuração da pele e preenchimento com cinzas de carvão vegetal” (OLIVEIRA, 2015). Outro registro que se tem notícia é a múmia egípcia Amunet, encontrada em Tebas. Ela “teria vivido entre 2160 e 1994 a.C. e apresentava marcas e pontos inscritos na região do abdômen. No Egito Antigo, esse tipo de tatuagem poderia ter relação com cultos à fertilidade” (COLARES, 2014).

Os Pictos ou “Pintados”, povos habitantes da Britânia do séc. I a.C., usavam da tatuagem para cobrir seus corpos geralmente em cor azul e consideravam que elas serviam para assustar as tribos invasoras, sendo uma maneira de aterrorizar os inimigos. Acreditavam, também, que as suas tatuagens lhes davam força assim como amuletos, sendo que após a morte os antepassados se reconheceriam no plano espiritual através das tatuagens.

Salvo algumas exceções, o corpo, para as sociedades primitivas, era visto com menor pudor em relação à visão que se tem hoje. Para as antigas tribos indígenas e as demais localizadas na Nova Zelândia e na África, por exemplo, os adornos corporais implementados através de perfurações eram costumes e tradições da comunidade, cada uma possuía um significado e um sentido para tal adorno. Na sua maioria, os enfeites implementados pelos indivíduos em seus corpos os enfeitavam e os tornavam mais bonitos, demarcando o “perfil” da tribo. Muitas destas tribos reconheciam estas práticas como rituais sagrados, já que através destes furos, cortes, modelagem ou pigmentação permanente na pele viriam de um processo e como consequência junto a algum tipo de dor pois, eles acreditavam no amadurecimento da alma de cada indivíduo pela passagem do sofrimento. Ou seja, para adquirirem a estética (efeito final que almejavam) teriam de passar por algum momento “desconfortável”. A dor, na concepção deles, tornaria o indivíduo mais forte uma vez que o mesmo aprenderia a acalmar e manipular a mente e a sensação desconfortável sentida naquele momento. Após o ritual, ele estaria mais maduro e resistente em relação às outras etapas da vida e obteria o adorno desejável que muitas vezes o distinguiria numa determinada hierarquia social dentro da tribo.

Os Maoris foram os primeiros povos a habitar a Nova Zelândia. Em sua cultura, cultivavam a tatuagem conhecida como *tā moko*. Segundo Araújo (2010), estas “eram desenhos impressionantes: espirais tão profundas na pele que mais pareciam entalhe na madeira”. A tatuagem para esse povo é carregada de significados na vida social de cada indivíduo: acredita-se que ela reflete a individualidade e a ancestralidade de cada ser. “Quanto mais nobres, mais espirais cobriam-lhes o rosto” (ARAÚJO, 2005, p. 38). “Em certas sociedades [como na tribo Maori], a leitura da tatuagem informa a inscrição do homem em uma linhagem, um clã, uma faixa etária; indica um status e fortalece a aliança” (LE BRETON, 2003, p. 38). Hoje, ainda se reproduz tatuagens maori, inclusive na região ocidental, mas não com as mesmas significações e técnicas tradicionais dos povos antigos. São reproduzidas, no mundo moderno, mais pelo estilo da arte, através da máquina elétrica de tatuar, sendo esta menos dolorida, mais rápida e esterilizada.

No Japão, a tatuagem conhecida como *Irezumi* se originou por volta de 10 a.C. O método tradicional japonês é conhecido como *Tebori*, que significa “entalhado/esculpido à mão”. A técnica “consiste em uma longa haste de bambu ou de marfim, com agulhas de aço dispostas em fileiras isoladas ou amontoadas, que são pressionadas manualmente contra a pele” (KAWANAMI, 2014) e as tintas eram extraídas de plantas ou pedras moídas misturadas

à água. A história da tatuagem no Japão é conturbada passando por vários “altos e baixos”, sendo que ela “já foi utilizada para diversos fins como espirituais, decorativos, símbolo de proteção, status ou coragem ou ainda para marcar criminosos” (KAWANAMI, 2014). No período Kofun (300 – 600 a.C.), as tatuagens começaram a ter uma imagem negativa na região, sendo em 1870 abolida a prática – que perdurou até o final da Segunda Guerra - “porém anos mais tarde, a tatuagem passaria a fazer parte da vida dos integrantes da Yakuza” (KAWANAMI, 2014), a máfia mais perigosa da história do país. Essas tatuagens levavam anos para serem feitas, porque se utilizava do método japonês tradicional, cobrindo boa parte do corpo, depois de prontas eram verdadeiras obras de arte, sendo sinal de fidelidade à Yakuza. Infelizmente, com isso, a tatuagem no Japão, ainda hoje, é carregada de preconceitos por ser ligada à máfia, aos criminosos e ao comércio de peles humanas tatuadas. Um exemplo é que “muitos locais como piscinas e banhos públicos não permitem a entrada de pessoas tatuadas” (KAWANAMI, 2014).

A tatuagem já foi também atração de circo na Europa e América Latina no século XIX. Homens e mulheres com o corpo coberto de tatuagens se apresentavam ao lado de anões, gigantes, pessoas com anomalias, animais selvagens, entre outros seres considerados “aberrações” (os chamados *freaks* - estranhos) para a época.

No século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, a tatuagem se popularizou no lado ocidental, com ênfase na região das Américas, através dos marinheiros que “por conta da vontade de levar na pele as lembranças das pessoas queridas que eles deixavam para trás e não sabiam se veriam novamente” (ISSA, 2015). Nesse contexto, o estilo preponderante na tatuagem era o *Old School*, que se caracteriza pelas linhas grossas e a cartela de cores limitadas em vermelho, verde, amarelo e azul. Os desenhos mais comuns eram andorinhas, âncoras, *pin ups*, caravelas, estrelas e caveiras.

A máquina de tatuar elétrica derivou de uma invenção de Thomas Edison, criada em 1877. Mais tarde, em 8 de dezembro de 1891, o americano Samuel O’Reilly aperfeiçoou o dispositivo já existente e acrescentou múltiplas agulhas (de uma a cinco), adicionando um reservatório para a tinta. E assim, nos Estados Unidos foi criada a máquina elétrica de tatuar. O funcionamento do experimento fez a oscilação eletromagnética permitindo à máquina movimentar a agulha que se direcionava verticalmente, perfurando a pele entre 50 e 3.000 vezes por minuto, ao mesmo tempo em que a tinta era injetada cerca de 1 milímetro de profundidade na pele. Esta invenção pouco se alterou, no sentido de funcionamento,

comparada às máquinas atuais. A máquina de tatuar elétrica foi um marco na história da tatuagem, pois além de agilizar o procedimento, dói menos é mais prática facilita na execução de diversas técnicas de estilos de desenhos tanto no contorno, quanto na coloração e diminui os riscos à saúde já que o material é esterilizado e as agulhas são descartáveis.

No Brasil, a tatuagem feita com a máquina elétrica foi muito tardia. No ano de 1959, na área marginalizada de Santos (SP), o tatuador dinamarquês conhecido como Lucky Tattoo, começou a utilizar a máquina elétrica no seu estúdio, introduzindo-a no país.

Nesta mesma época as pessoas adeptas à prática da tatuagem eram em sua maioria grupo de roqueiros, assim como o movimento hippie, dentre outros. Todos com um “mesmo sentido”: mostrar a diferença, usando a tatuagem como um modo de recusa ao “sistema”. Deste modo, o uso da tatuagem por esses jovens, tidos como “rebeldes”, só veio acentuar a relação da tatuagem com a marginalidade e a criminalidade. Por outro lado, fez da tatuagem uma prática um pouco mais difundida entre jovens de classe média (CABRAL, 2014, p. 4).

Tardiamente, no Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) declarou pela lei RDC Nº 55, de 6 de agosto de 2008, regras para o bom funcionamento de estúdios de tatuagens, como o alvará de funcionamento do estabelecimento, cadastramento do cliente, o uso de tintas específicas, agulhas e materiais como luvas, lâminas de depilação, papel toalha, papel filme descartáveis a cada procedimento, esterilização e higiene de aparelhos, acessórios, cadeiras e o local do procedimento, limpeza da sala e equipamentos a serem utilizados e etc. Estas regras estabelecem uma rigorosa assepsia e esterilização para os estúdios de tatuagem, oferecendo uma maior segurança e reduzindo os riscos de doenças, infecções, vírus e bactérias para os clientes, o que torna a prática da tatuagem totalmente diferente dos procedimentos antigos dos povos nativos, sendo rigorosamente mais higiênica com menos chances de contrair doenças e infecções, menos dolorida, mais rápida, de melhor acabamento e possibilitando a realização de diversas técnicas.

A tatuagem reflete a individualidade do sujeito através de simbolismos, desenhos, imagens e mensagens inscritas na pele, expõe, para os demais, características próprias da psique do indivíduo tatuado sem que o mesmo entoe ao menos uma palavra. Pelas ruas da cidade, observamos infinitas diversidades de estilos expostos nos visuais das pessoas. Notamos, também, como o corpo é a ferramenta principal nestas situações, pois é através da expressão física que o sujeito se apresenta socialmente e que - instantaneamente - recebemos a informação e evidenciamos aspectos da identidade do mesmo. Muitos dos indivíduos que se

identificam com determinadas características e possuem alguma afinidade com demais pessoas que compartilham de gostos e interesses parecidos formam as chamadas tribos urbanas, na qual a tatuagem e outras modificações são elementos que diferenciam um grupo de outro.

Apesar da tatuagem e do *body piercing* serem as modificações corporais mais popularizadas e disseminadas, pelas mais diversas classes sociais, gêneros e ideologias atualmente no lado ocidental, as mesmas ainda permanecem sendo um assunto envolto de tabus e preconceitos pela alta desinformação. Esta falta de esclarecimento pode ser atrelada pelas pouquíssimas produções midiáticas que encontramos em circulação no país, tanto de proveniência brasileira, quanto internacional. Outro fator que causa este pré-julgamento, no imaginário popular em relação à tatuagem e a modificação corporal em si, é a introdução e propagação tardia das atividades no país, desencadeando uma maior lentidão na aceitação e dificultando uma concepção mais “natural” em relação às práticas dos não adeptos. A cultura, a qual estamos inseridos, possui uma enorme dificuldade em relação à aceitação de intervenções no corpo. As modificações mais extremas, porém de caráter “padronizado” e que possuem uma maior aceitação no Brasil, são as cirurgias plásticas como silicone nos seios, nas nádegas e coxas, rinoplastia, preenchimento labial e *botox*. Qualquer modificação que remeta a um visual mais “agressivo” ou que não se encaixe no padrão normalmente imposto e “aceitável” pela sociedade dificilmente será aceito e visto com “bons olhos” pela mesma.

1.2 MODIFICAÇÃO CORPORAL

Durante a vida, o nosso corpo sofre alterações fisiológicas sendo da naturalidade humana, ele envelhece, adoce e se decompõe. Transformar o próprio corpo por livre escolha também é natural, porém, “é preciso não confundir o ‘corpo’ com o orgânico ou a ‘carne’.” (MIRANDA, 2011, p. 153). O corpo é muito mais amplo, subjetivo e maleável que um mero pedaço de substância orgânica. O corpo é a estrutura física da identidade de alguém, é o externo ou a “matéria” do sujeito interno, ou seja, através dele se transparece o que existe no “interior” (referente à psique) do indivíduo. Por isso, é iminente passar por processos de “metamorfose” sejam eles internos ou externos durante o decorrer da vida.

Não se deve ver o corpo como um mero objeto fisiológico: conjunto de carne, veias, sangue, ossos, músculos e vísceras ou como um simples “suporte” da pessoa, mas sim, um

meio propício à modificação conforme a necessidade externa e interna do indivíduo. Deve-se ter consciência de que o corpo serve como instrumento de expressão, mudança e aprimoração do ser físico e psíquico do indivíduo. Transmutar externamente o que há internamente e “corporificar o inconsciente” (PIRES, 2005, p. 104) de forma a encaixar-se meticulosamente com a *persona*¹ do indivíduo, sendo fundamental para a auto aceitação e a auto afirmação de si perante o mundo. “O corpo tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio significativo de si.” (LE BRETON, 2003, p. 29).

Estas práticas que envolvem o corpo como instrumento de expressão, manifestação, comunicação e até subjetividade de si, muitas vezes de finalidade artística, são conhecidas como *body art* (arte corporal) e *body modification* (modificação corporal) sendo, respectivamente uma de caráter temporário e a outra de caráter definitivo, visto que são práticas distintas.

Todavia cabe pontuar que tais práticas podem caminhar em conjunto, o que não quer dizer que isso ocorra em todas as situações. Existem variações de acordo com os pressupostos envolvidos em cada processo: a *body art* pode acontecer sem estar ligada com a modificação do corpo e a modificação corporal não está sempre incluída em um contexto artístico. O que há de ponto comum entre os dois termos – tão logo distintos movimentos – é unicamente o corpo (ANGEL, 2013).

A *body art*, surgida na década de 60, é toda e qualquer manifestação de arte que usa do corpo como suporte para tal, seja através de pinturas (como a *body paint*), performances artísticas teatrais, entre outras. Resumindo, na *body art* é produzida arte no corpo e é visto o corpo como arte, conhecido também, como “obra viva”. “Ainda pensando a *body art*, Le Breton afirmou que ‘o corpo é o lugar onde o mundo é questionado’. Assim sendo é correto afirmar que a *body art* acontece inclusive sem a *body modification*.” (ANGEL, 2013). O performer e pesquisador brasileiro Renato Cohen dizia que a *body art* é o movimento em que “o artista é sujeito e objeto de sua arte (ao invés de pintar ou esculpir algo, ele mesmo se coloca enquanto escultura viva)” (COHEN, 2002, p. 30).

A *body modification*, prática antiga e fortemente efetivada, se detém na modificação irreversível de uma parte do corpo, algumas são reversíveis, porém são processos dolorosos e invasivos, conseqüentemente, deixam cicatrizes. A *body modification* geralmente é feita por

¹ O termo “*persona*” refere-se à: Pessoa, traços e identidade particular. É a forma pela qual nos apresentamos ao mundo, o caráter que assumimos é, através dela, que nos relacionamos com os outros.

motivos estéticos, de identidade, culturais ou de crenças. Cito alguns dos tipos de modificações mais conhecidas: *branding*, escarificação, bifurcação de língua, *pocket*, implantes subcutâneos, *surface*, microdermal, implante transdermal. A tatuagem e o *body piercing* também são modificações corporais, porém menos “extremas” e de maior aceitabilidade e popularidade na sociedade atualmente.

Quando falamos de ‘marcas corporais’, referimo-nos a um conjunto de práticas ornamentais do corpo que têm a particularidade de, literalmente, o incorporarem e de, deliberada e indelevelmente, marcarem a sua superfície, com recurso a um complexo e diversificado conjunto de objetos materiais e de técnicas de aplicação (FERREIRA, 2004, p. 71).

A modificação corporal no mundo ocidental se sustenta, hoje, dentro da sociedade por indivíduos que não se inserem nos ideais, moldes e “regras sociais”, sendo “(...) em finais do século XVIII que as marcas corporais começam a popularizar-se no contexto da sociedade ocidental europeia (...)” (FERREIRA, 2004, p. 74). Em sociedades onde fervilham imensas diversidades de pensamentos, ideologias contrastantes e morais divergentes, se habituar e obter integralmente seu espaço sentindo-se inteiramente contemplado não é realidade de muitos. Como diz Le Breton (2003, p. 30), na sua obra *L’adieu au corps* (Adeus ao corpo), com a primeira publicação datada no ano de 1999: “A vontade está na preocupação de modificar o olhar sobre si e o olhar dos outros a fim de sentir-se existir inteiramente”. “Podemos destacar o uso político de marcas corporais, enquanto expressão de dissidência, descontentamento e crítica social (...) como forma ativa de expressão e reivindicação do controle sobre o seu próprio corpo” (FERREIRA, 2004, p. 80). Modificar o corpo conforme os desejos, anseios e necessidades individuais é um ato de liberdade, de exaltação da diferença entre os demais, é um marco de expressão externa da identidade. “Todos nós, salvo em casos de anomalias genéticas, possuímos o mesmo número de músculos, nervos, órgãos, ossos, veias, artérias, fluidos, fâneros e cartilagens, organizados sempre da mesma maneira, conforme um padrão funcional” (PIRES, 2005, p. 92). Algumas pessoas veem com naturalidade o corpo como instrumento de modificação e maleabilidade de si ou suporte externo da sua “essência” e individualidade, não aceitando seu corpo na aparência “natural” concebida,

Em suma, não há ‘corpo’ natural. Faz-se sempre corpo como uma ideia, com uma imagem etc. Nos nossos dias se está fazendo corpo com o próprio ‘corpo’. A

naturalização do corpo vai de par com sua redução à fisicalidade de uma imagem ‘incarnada’, proveniente de um outro espaço e que a ele retorna (MIRANDA, 2011, p. 91).

Conseqüentemente, o indivíduo e sua imagem física perante a si e aos demais ao se parecer igualmente à imagem dos outros, causa incômodo e frustrações, fazendo do mesmo indivíduo um ser profundamente insatisfeito consigo mesmo e incompleto. René Descartes (2011) nos resume em uma frase estes sentimentos de estranhamento e inquietações vigentes do sujeito quando o mesmo se depara com o descontentamento e o não “enquadramento” deste corpo que se diz refletir: “Não sou este agregado de membros que é chamado corpo humano”.

Ainda que as modificações corporais sejam práticas que permeiam por séculos, prevalecendo no mundo moderno, estas atividades continuam remetendo no imaginário social como condutas tribais e primitivas, resultando na “exotização do corpo civilizado” (FERREIRA, 2004, p. 77), sendo os “modificados” da sociedade contemporânea como “todas pessoas não-tribais que reagem a uma urgência primal e que fazem alguma coisa com seu corpo” (MUSAFAR apud LE BRETON, 2003, p. 36).

Ainda que muitas vezes evoquem folcloricamente formas ancestrais, nas sociedades contemporâneas as marcas deixam de corresponder signos estatuários claros e precisos, socialmente determinados e codificados – como o eram em contextos meioticamente flutuantes, ambíguos e desconcertantes, ancorados a biografias individuais feitas de decisões e opções pessoais, assinalando momentos, situações e vivências que consubstanciam uma existência particular, revelando também estéticas e éticas de vida que se pretendem ‘diferentes’ e ‘alternativas’ ao padrão dominante. Recurso expressivo que ambiciona marcar e demarcar corporalmente um mundo de singularidades identitárias, portanto, e já não legitimar coletivamente um dado corpo social (FERREIRA, 2004, p. 82).

Pero Vaz de Caminha, na Carta a *El Rei D. Manuel*, descreve seu primeiro contato com os povos primitivos e suas modificações corporais vigentes da cultura da tribo:

Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes, é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber (ABREU; SOARES, 2012, p. 88).

Daí o termo “*Modern Primitives*²” (primitivos modernos) criado por Fakir Musafar, em 1967, “utilizado para identificar os indivíduos que, neste início de século, rompem os limites da pele e alteram suas silhuetas com a aquisição de adornos corporais aplicados (...)” (PIRES, 2009, p. 33). Fakir Musafar (nascido em 1930) é um artista e pioneiro das atividades de modificações corporais no mundo ocidental. Experimentou e ensinou técnicas, tais como *piercing*, *tighlacing*, escarificação, tatuagem e suspensão.

A suspensão – que condiz no indivíduo ser suspenso por ganchos através da sua carne – é um ritual muito antigo de culturas tradicionais que, mesmo praticado na contemporaneidade e, usando as mesmas técnicas e nomes, não tem o mesmo simbolismo e significado das sociedades anteriores. Há milhares de anos, nas tribos no Sul da Índia, a suspensão era realizada pelos nativos com o intuito de finalizações espirituais e religiosas que, ao se dependurar o corpo, estaria mais próximo das divindades. “Por mais que representem sagrados íntimos, não se deve interferir ou usurpar a representação milenar que o ritual tem em dada sociedade. Retirá-la de seu contexto histórico e cultural é intrinsecamente retirar a essência da prática” (ANGEL³, 2013).

Com o passar do tempo, a prática da suspensão foi mudando e aperfeiçoando suas técnicas, sendo executadas por apreciadores das modificações corporais e sensações de dor extremas, conhecidos também como “*adrenaline junkies*” (viciados em adrenalina). Hoje, a prática ocidental não possui propósitos com fins religiosos e/ou de caráter transcendental como os rituais de Fakir Musafar, pelo qual se acreditava que, através da suspensão do corpo junto à dor física, viria o aprendizado e o amadurecimento da mente e do espírito. As práticas, na sua maioria, são executadas hoje por mera sensação de dor e prazer em festivais e eventos como forma de *freak show* (show de aberrações) onde reúne um grande público.

Por escolha própria, ideológica, estética, identitária ou de caráter primal/ancestral, durante a vida, além das alterações fisiológicas, escolhemos nos modificar, o que significa inteiramente a prática de *body modification*. “Enquanto matéria, a carne é da ordem do comum, pode ser apropriável, consumível, usada, destruída, etc.” (MIRANDA, 2011, p. 157),

² *Modern Primitives*, é também, um livro publicado em 1989, escrito por V. Vale e Andrea Juno. É considerado como a “bíblia” da modificação corporal.

³ T. Angel (nome artístico para Thiago Soares) é um adepto das modificações corporais (desde 1997), pesquisador da área e performer. Começou a praticar a *body art* em 2004. Criou, em 2006, o site *frrrkguys.com.br*, plataforma digital onde a *body art* e a *body modification* são abordadas de diversas formas, o site é atuante até hoje. T. Angel, através de uma pesquisa científica, escreveu o livro “A modificação corporal no Brasil 1980-1990” publicado em 2015.

sejam estas intervenções extremas, como modificações corporais aqui já citadas e cirurgias plásticas “padronizadas”, ou não tão extremas como a tatuagem e o *body piercing*. Há também as modificações não-extremas e de caráter temporário que praticamos na nossa rotina, como mudar a cor do cabelo, se maquiar, se depilar, fazer dieta, exercícios físicos a fim de mudar a silhueta do corpo, cortar as unhas, e etc. Fazendo destas práticas uma forma de nos construirmos, nos moldarmos, nos transformarmos fisicamente conforme nossos desejos e anseios. “A maleabilidade de si, a plasticidade do corpo, tornam-se lugares-comuns” (LE BRETON, 2003, p. 27). A modificação sempre começa de dentro para fora e após a concretização da mudança física há o nascimento de um novo indivíduo em que a relação dele consigo mesmo e dele para com o seu meio social muda drasticamente. Modificamo-nos para sermos externamente quem realmente somos internamente, seja de ordem extrema, permanente, dolorosa ou não.

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o *ser-no-mundo*, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos (LE BRETON, 2003, p. 28).

1.3 IDENTIDADE

“Corpo é identidade. Início, processo e fim. Tudo a todo momento.” (FORGHIERI, 2002)

Em busca de uma identificação ideológica, comportamental, cultural, de valores políticos e/ou sociais entre outros fatores, o indivíduo - na maioria das vezes - procura um grupo social para se familiarizar com os demais membros conforme afinidades, visando se inserir e partilhar dos mesmos hábitos, gostos, estilos, atitudes, etc. Na fase da adolescência, frequentemente, o jovem se sente deslocado, divergindo dos valores e ideias regrados pela sociedade. Encontrar, dentro da mesma sociedade, demais indivíduos que partilham de interesses, visões e ideologias em comum (e diferente da maioria) é de grande valia para a formação do caráter e a firmação da identidade do sujeito, favorecendo uma nova relação para ele como indivíduo e cidadão e para ele com o seu ambiente social.

Nesse cenário, surge o fenômeno das “tribos urbanas”⁴ expressão originada pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, em 1985. Formadas nas grandes cidades, as tribos urbanas, são conhecidas como “subsociedades” ou “subculturas” - vigentes da filosofia do neotribalismo - na qual os jovens sentem-se pertencentes a estes microgrupos e criam suas identidades. Cada tribo possui uma estrutura interna própria e dentro delas se desenvolve modos de relação e interesses para determinadas ideologias, pensamentos, estilos, hábitos, modos de se portar, vestir, falar entre outros. Nas tribos urbanas do mundo contemporâneo, nota-se que a tatuagem é um elemento primordial para a identificação dentro destas “subsociedades” e a diferenciação no grupo social “padrão”. “A tatuagem é uma forma de linguagem, um meio de comunicação pelo qual é possível expressar a identidade do indivíduo” (MELO, 2007, p. 4).

(...) as marcas corporais conhecem um crescente sucesso depois da II Guerra Mundial vindo a ser transversalmente apropriadas em contextos micro-grupos de natureza étnica, política, sexual e/ou artística, habitualmente designados de ‘subculturas’, ‘contraculturas’ ou, mais recentemente, ‘tribos’, ‘ondas’, ou ‘cenas’ (FERREIRA, 2004, p. 80).

Nicholas Mirzoeff⁵ constata que, “no ocidente, em todas as épocas de incerteza social a representação do corpo torna-se uma questão essencial” (MIRANDA, 2011, p. 97). Neste contexto, a tatuagem se torna objeto de significação e distinção de um determinado indivíduo e também da subsociedade que o mesmo integra, pois a tatuagem é adaptável e inclusiva para todos os estilos e tipos de tribos urbanas. As tribos urbanas mais conhecidas e que utilizam de tatuagens como interesse em comum são os *punks*⁶, os *skinheads*⁷, os *hippies*⁸, a cultura *hip hop*⁹, os *rockabillys*¹⁰ e os *bikers* (motoqueiros ou *ton-up boys*¹¹). “O entusiasmo pelas marcas

⁴ As tribos urbanas, também chamadas de subsociedades (metropolitanas ou regionais) são constituídas de microgrupos que têm como objetivo principal estabelecer redes de amigos com base em interesses comuns.

⁵ Nicholas Mirzoeff é professor do Departamento de Mídia, Cultura e Comunicação da Universidade de Nova York.

⁶ “Nos anos 70, os *punks*, em sua vontade de irrisão das convenções sociais de aparência física e de vestimentas, transpassam muitas vezes o corpo com alfinetes, engancham cruzeiros gamadas, símbolos religiosos, todas as espécies de objetos heteróclitos na própria pele. O corpo é queimado, mutilado, varado, talhado, tatuado, entravado em trajés impróprios.” (LE BRETON, 2003, p. 34)

⁷ Do inglês, “cabeça raspada”. É uma subcultura originária dos jovens da classe operária no Reino Unido no final dos anos 1960. No final dos anos 1970, entretanto, a raça e a política viraram fatores determinantes, gerando divergências e divisões entre os *skinheads*.

⁸ “As pinturas corporais feitas pelos *hippies* remetiam a tatuagem que mais tarde passaram a enfeitar o corpo de jovens ao redor do mundo, junto com a disseminação do ideal de revolução.” (ABREU; SOARES, 2012, p. 25). Esta subcultura começou nos anos 60, tendo seu auge em 1969 no Festival de *Woodstock*, “paz e amor” era sua principal ideologia.

⁹ O *Hip Hop* emergiu em meio a década de 1970 nos subúrbios negros e latinos de Nova Iorque. Conhecidos, também, como “guetos” enfrentavam muitos problemas de ordem social como violência, tráfico de drogas,

corporais assalta o conjunto de nossas sociedades e, particularmente com o *piercing*, as gerações jovens” (LE BRETON, 2003, p. 35).

“A tatuagem tem, dessa maneira, valor de identidade; expressa, no próprio âmago da carne, o pertencer do sujeito ao grupo, a um sistema social (...)” (LE BRETON, 2003, p. 38). Mesmo que a pessoa não saiba explicar em palavras as motivações que a levaram a fazer aquela tatuagem, sempre há uma identificação de forma inconsciente. “A imagem em si é uma ficção cultural, uma realidade revelada, que obedece mais a subjetividade do que a objetividade do real: nem a imagem nem o corpo podem servir de provas na pesquisa científica” (MALYSSE, 2002, p. 72). Com interesse em demonstrar através de imagens a ideologia do indivíduo ou determinado interesse de algum grupo em particular a que pertença, “a mensagem que a tatuagem carrega traduz em iconicidade a representação figural de uma memória que para sempre permanece ali aplicada” (MACEDO; PARAVIDINI, 2015, p. 141).

O ser humano é instintivamente regido pela visão. Quando vemos um símbolo, um desenho ou uma imagem - imediatamente - manifestam-se na nossa mente e percepção infinitos pensamentos, sensações e memórias sobre determinada questão que nos remetem a lembranças de situações que já entramos em contato anteriormente. “As marcas corporais estariam substituindo a linguagem corporal e a escrita pela linguagem da imagem (...)” (PIRES, 2005, p. 166). Assim, “o corpo passa a contar a história do indivíduo (...) pelos fatos que ele, de forma deliberada, quis que ficassem registrados” (PIRES, 2005, p. 169). Ou seja, o indivíduo marca em sua pele determinados signos que ele quer que o outro o veja, assim, o outro ao vê-lo terá um prévio conceito acerca daqueles desenhos e do que eles representam, por consequência da personalidade do mesmo. Sendo esta, uma forma do sujeito como indivíduo ou integrante de uma tribo mostrar ao mundo sua ideologia e interesses por meio da linguagem visual, sem necessariamente o uso da linguagem verbal.

Ao ser tomada como um hibridismo entre letra e traço, a tatuagem se aproxima de uma formação do inconsciente, portando, então, mais que sua face identificatória e de pertencimento, algo que é da ordem do real, do gozo e que, portanto, não cessa de não se inscrever (MACEDO; PARAVIDINI, 2015, p. 150).

carência de educação, racismo etc. Neste contexto, o movimento *Hip Hop* se deu nas ruas da cidade, com manifestações próprias.

¹⁰ Rockabilly é um dos primeiros sub-gêneros do rock and roll, surgido década de 1950. A partir disso, tornou-se um estilo de vida onde compartilham de roupas, estilo, penteados, carros, gosto musical e hábitos da época.

¹¹ *Rocker, Ton-up boys* ou *Leather boys* é a denominação para uma subcultura juvenil (sobretudo da classe operária) surgida no Reino Unido nos anos 50, centrada nas motocicletas do tipo *café racer* e na música rock and roll e rockabilly.

Quando se faz uma tatuagem, todos os simbolismos e significações individuais para aquela pessoa acerca de determinada imagem, mantém-se, única e absolutamente, compreendida ao todo, exclusivamente para a mesma. “Desse modo, ainda que possa estar circunscrita nos campos Simbólico ou Imaginário, a tatuagem não pode ser traduzida” (MACEDO; PARAVIDINI, 2015, p. 150).

As marcas é-lhes imputada uma aura de autenticidade irredutível, decorrente da sua existência única no único lugar em que acontece, o corpo vivo, o que lhes concede um valor de propriedade ímpar dada a sua natureza irreproduzível e inalienável (FERREIRA, 2004, p. 94).

O significado, entendimento e conclusão de uma mente em relação a determinados signos é único para aquela mente, ou seja, para o “indivíduo A” ver um coração humano tatuado em estilo realista na cor vermelha pode significar amor, quanto para o “indivíduo B” ver o mesmo coração pode representar repulsa ou sofrimento, por exemplo. Nessas condições, não se pode delimitar uma verdadeira significação de determinado símbolo, porque seu conceito/definição difere de uma mente pra outra.

Freud, considerado o “pai” da psicanálise, em seu livro *Die Traumdeutung*, 1899 (A interpretação dos sonhos) descobre novos estudos fundamentais para a psicologia, apresentando novas formas de compreender a mente humana, baseando-se na análise do consciente e inconsciente. Freud descobriu que é por meio dos sonhos¹² (inconsciente) e da linguagem (consciente) que se manifestam os desejos do indivíduo. Esta descoberta

Nos leva a perceber que a tentativa de traduzir a essência do desejo, que é o que efetivamente diferencia um sujeito do outro, apenas com a linguagem verbal – própria do consciente – esbarra em lacunas intransponíveis. Para tal tradução é necessário o uso de outras linguagens; é necessário a poética. A área de conhecimento que mais se utiliza da poética é, sem dúvida nenhuma, a arte (PIRES, 2005, p. 60).

Ou seja, o indivíduo tem um desejo, muitas vezes reprimido, de passar por alguma modificação física, não se aceitando ou estando feliz por completo com o corpo que possui. Sendo recorrente, o mesmo não saber traduzir de forma consciente - através dos códigos da linguagem falada ou escrita - essa sua necessidade, porém agindo de forma instintiva o seu desejo inconsciente. Guiando-nos a partir desse processo semiótico, podemos entender como

¹² Segundo Freud (1915), sonhos são fenômenos psíquicos onde realizamos desejos inconscientes.

funciona a relação da prática da tatuagem – através da arte¹³ e o uso de símbolos - como uma reafirmação e expressão externa (para o mundo) da identidade individual de quem as pertence.

A arte, independentemente do tipo de linguagem que utilize, possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona, mesmo que de forma não muito clara, imagens e sensações mantidas no inconsciente. Através desse processo, ela busca resgatar a tradução primeira de cada indivíduo e de todos eles (PIRES, 2005, p. 60).

1.4 CORPO

“Para viver há que ter um corpo, quem teve a ideia do corpo a constituir e a fazer, quem contou com algo mais que o acaso, com um “Deus” para fazer um corpo? Não, o corpo, é cada um de nós que o faz, senão ele não vale nada e não se aguenta.”
(ARTAUD apud MIRANDA, 2011, p. 149)

Nessa breve pesquisa sobre a tatuagem - como elemento constitutivo do processo de formação da identidade do sujeito - perpassei por todo o encadeamento de elementos que se pode analisar do procedimento fundamentado na intersecção da ideologia, individualidade, personalidade e subjetividade do indivíduo; do uso da arte como expressão e concretude simbólica do signo mental e o uso do corpo como ferramenta ou meio de suporte de manifestação do sujeito.

O corpo, na história da humanidade, foi um tema rodeado de muitos tabus, sendo que, na Idade Contemporânea, muitos destes ainda prevalecem variando em maior ou menor grau. No mundo ocidental, doutrinado pela ideologia cristã, o corpo do homem deveria funcionar como semelhança/continuação da “imagem de Deus”, ou seja, um “templo sagrado”. O ofício do homem seria preservar e cuidar da forma que lhe foi concebida pelo “poder maior”, junto à aceitação e conformação da mesma. “O corpo expandido dos cristãos é criado pelo poder formativo dessa imagem, que garante a proteção da carne, mas dentro de um programa ascético que a impede de vir à frente, de ser visada diretamente, a não ser pelo próprio” (MIRANDA, 2011, p. 154), já que, “arcaicamente a criação de Adão é feita a partir do ‘barro’ moldado por Deus, que depois lhe sopra a ‘alma’, animando-o” (MIRANDA, 2011, p. 92).

¹³ Arte entende-se como qualquer atividade humana ligada às manifestações de ordem estética e sentimental, exposta por meio de uma grande variedade de linguagens. O processo criativo se dá a partir da percepção do indivíduo com o intuito de expressar emoções e ideias de maneiras diferentes.

Assim, a única mudança “permitida” do corpo do homem – e, acima de tudo, predeterminada a aceitarmos - viria a ser a mudança imposta pela entidade superior como traços do tempo como o envelhecimento, mas o homem não teria autoridade nem controle para alterar a sua própria imagem física. Nessa perspectiva, o indivíduo seria um verdadeiro escravo e refém do próprio corpo, tendo de conviver com o sentimento de frustração e não-aceitação da imagem de si.

A partir da Idade Moderna, a visão acerca do corpo foi sofrendo variações, “(...) mostrando o corpo como uma interface entre o social e o individual, a natureza e a cultura, o concreto e o abstrato, a arte e a ciência (...)” (MALYSSE, 2002, p. 73). “De fato, para os modernos o corpo era o modelo de toda a propriedade. Os proprietários tinham as suas empresas ou terras, o proletário o seu ‘corpo’, mas que todos eram proprietários.” (MIRANDA, 2011, p. 84). Ou seja, neste momento apesar de tardio, percebe-se que o sujeito tem autoridade e dominância acerca de seu corpo, porém, uma autoridade fundamentada dentro das normas e limites sociais.

Carne, imagem e corpo continuam numa certa relação, mas agora o fundamento é a própria noção de ‘corpo’. A motivação é basicamente política, pois o corpo ‘próprio’ serve de garantia para o uso e abuso da carne, fundando-se nela o sujeito autônomo e racional (MIRANDA, 2011, p. 155).

Roland Barthes (1978), pensador francês, indaga: “Como um corpo pode colar-se a uma ideia ou uma ideia a um corpo?” (Apud MALYSSE, 2002, p. 71). Podemos pensar que, através dessa visão moderna, o homem percebeu que o corpo seria elemento fundamental para a construção e representação de sua posição social e/ou política, além de aspectos mais íntimos e imanentes. Assim, ele estaria disposto à uma diversidade de opções de representações físicas conforme suas necessidades e desejos conscientes e inconscientes da sua psique. Neste contexto, Barthes acaba por concluir a sua reflexão: “(...) Meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu” (BARTHES, 1987, p. 25). Desse modo, presenciamos a fragmentação das necessidades metafísicas do indivíduo perante as necessidades corpóreas, reafirmando a argumentação exposta anteriormente, de que a psique do indivíduo pode divergir-se do corpo físico do mesmo, confirmando que o sujeito pode, ao mesmo tempo, ser proprietário ou escravo do próprio corpo físico.

Em 1950, diante da Escola de Psicologia de Paris, Marcel Mauss, [antropólogo e sociólogo francês] declarou que o homem não é o produto do seu corpo, pois ele produz seu próprio corpo em interação com os outros, através da imersão social no universo simbólico da sua cultura: o corpo não é uma fatalidade nem uma natureza, ele é um objeto de construção social, cultural e individual. O corpo humano é um fato social total tal como o define M. Mauss, e podemos dizer que ele se torna ‘feito’ social total, pois a cultura vai moldando os corpos individuais ao longo das suas vidas e em acordo com as suas representações do corpo (MALYSSE, 2002, p. 70).

Atualmente, nota-se que uma porção maior de indivíduos contemporâneos, frisa-se: não todos, possuem uma visão expandida e desprendida em relação à dominância e independência do próprio corpo. “Em si mesma, antes de ser trabalhada pela linguagem e outros simulacros, a “carne” é absolutamente contingente, opaca e comum” (MIRANDA, 2011, p. 98). O corpo e a carne são maleáveis, são moldáveis e modificáveis. Tanto pode, como deve haver mudanças, distintas das biológicas, no corpo. “A história projeta-a sobre a comunalidade da carne, dando-lhe uma firmeza e rigidez que não possui” (MIRANDA, 2011, p. 92). Deve-se usufruir, também, momentaneamente, do corpo como forma ou meio de expressão artística e de manifesto político, seja por intervenções sociais, pela dança ou performances teatrais, entre outros. “(...) O que importa é personalizar-se, autocriar-se, auto organizar-se e auto transcender-se” (CORDEIRO; PERETTI, 2014, p. 162). Segundo Bill T. Jones, “o corpo tem uma fome feroz, e quer agir, quer ser” (apud MIRANDA, 2011, p. 82). A partir desse pensamento que desprende o corpo de amarras e tabus sociais e proporciona certa “libertação” acerca do uso e da imagem do mesmo, observamos que o corpo é um produto de integração cultural e percebemos o mesmo se mesclando e se afirmando cada vez mais com a arte. “Tal como o texto sobre a criação do homem em *Gênesis*, que diz ‘façamos o homem à nossa imagem e semelhança’, a cultura projeta suas criações deixando evidente que ela concebe o corpo humano em consonância com sua própria *imagem e semelhança*” (ALMEIDA, 2002, p. 229). Em contrapartida à ideia cristã, de que Deus fez do barro o homem, saliento um pensamento de Jean-Luc Nancy (filósofo francês) em que ele nos confirma a ideia de que o corpo é, também, resultado do lugar conforme o indivíduo se integra dentro da cultura em que vive

[...] se o corpo é o que, por excelência, é criado... [então] ele é a matéria plástica do espaçamento sem forma e sem ideia. O corpo é a própria plasticidade da expansão na qual as existências têm lugar... O corpo não é imagem de..., vindo à presença à maneira da imagem que surge no ecrã da televisão, do cinema, vinda de nenhum fundo do ecrã, sendo o espaçamento desse ecrã e existindo enquanto extensão deste (MIRANDA, 2011, p. 92).

O corpo é construído conforme a psique e a cultura que o indivíduo está inserido, “(...) pois o corpo é o eixo da relação com o mundo, o espaço e o tempo nos quais a existência do ator social se singulariza” (MALYSSE, 2002, p. 68). O homem como ser visual, guiado pela visão, imagem e estética “consagra o corpo como emblema de si” (LE BRETON, 2003, p. 31). Então, “o corpo quando ‘se dá a ver’ sempre se apresenta como objetivo de arte e a ideia do corpo enquanto objeto de arte funciona culturalmente como um estereótipo que organiza as representações do corpo conforme a idealização estética e ética” (MALYSSE, 2002, p. 72). Assim, a afirmação de si perpassa a carne, o corpo, o externo.

1.5 DOR

*“Para mim, não existe nenhuma dor real,
mas somente uma sensação.
É belo ter uma sensação que atravessa o corpo:
assim sei que estou vivo.”
(MUSAFAR apud PIRES, 2005, p. 112-3)*

A dor é um mecanismo sensorial necessário ao nosso organismo, proporcionando a integridade do mesmo, pois ela possui a primordial função de proteção e alerta do limite corporal de cada indivíduo, lembrando-nos constantemente de que somos seres mortais feitos de matéria orgânica. O conceito de dor (dor mínima e dor extrema) varia de um organismo para outro. Todo ser vivo dotado de consciência já sentiu dor em algum momento da vida, sendo ela de nível suportável ou insuportável, este fato decorre por sermos feitos de matéria física e sensorial, portanto a dor é intrínseca à condição humana. Através do nosso corpo sentimos sensações agradáveis e prazerosas ou desagradáveis e irritáveis que comumente chamamos de dor (física).

No mundo contemporâneo ocidental - estudos e pesquisas afirmam o constante (e assustador) crescimento da indústria farmacêutica, junto à emergência de empresas de medicamentos como analgésicos em que as drogas são produzidas a fim de aliviar qualquer tipo de dor (dor de cabeça, dor muscular, mal estar e etc.). “Só nos Estados Unidos consomem-se 50 milhões de tabletes de aspirina por dia, 15 bilhões de tabletes por ano” (PIRES, 2005, p. 110). Nossa sociedade não foi ensinada e preparada para lidar com o

processo natural da dor. Seja pelos pequenos consumos cotidianos de comprimidos como aspirinas e paracetamol ou como anestésias em procedimentos cirúrgicos, o homem moderno procura cada vez mais na ciência mecanismos para aumentar a longevidade e a qualidade de vida, como também processos estéticos de rejuvenescimento, procedimentos indolores, entre outros fatores que lhe possa tirar a incumbência da posição de “mero ser mortal”.

Nas sociedades primitivas, a dor era uma condição para o amadurecimento do indivíduo.

A dor é necessária para que haja vida, crescimento, amadurecimento. Os povos antigos a fixaram como um dos requisitos indispensáveis para os rituais de passagem, juntamente com a presença de sangue e com uma marca corporal. Essa dor é necessária e cada vez mais evitada (PIRES, 2005, p. 110).

Para os integrantes e adeptos da modificação corporal, sejam as práticas de tatuagens e *piercings* ou as mais extremas, a dor física - como sensação insuportável - se torna algo inexistente. “A ausência dessa sensação só é possível devido à capacidade que tais indivíduos possuem de atingir um estado alterado de consciência” (PIRES, 2005, p. 107). Este fato decorre em razão do indivíduo - prestes a realizar o procedimento da *body modification* - concordar e estar ciente da realização da intervenção, ou seja, não é algo inesperado e não consensual. A dor, então, se torna uma sensação a ser vivida e analisada. “O corpo sente a sensação, mas é possível aprender a separar rapidamente a consciência da sensação, e assim não se trata mais de dor” (MUSAFAR, 1994, p. 12 apud PIRES, 2005, p. 108). Em diferentes culturas e crenças, existem diversos métodos e técnicas que implicam nesta alteração da consciência, variando a gravidade da sensação, através do corpo físico. “Cada vez mais é assumida que uma parte da dor é psicológica, não apenas corporal e neuronal. (...) A nossa personalidade, crenças, a captação sensorial e até as nossas experiências prévias influenciam a nossa avaliação prévia da dor” (ELÓI, 2013). Muitos dos rituais de povos primitivos, como a suspensão corporal das tribos norte-americanas chamada, também, como “*Sun Dance*” ou Dança do Sol eram realizadas com o intuito de transcendência espiritual através do sacrifício carnal do corpo, do sangue e da dor. Este ritual era executado somente por homens, já que as mulheres já passavam pelo processo da menstruação e concepção de seus filhos.

Através da convivência com a dor e da sua superação, o indivíduo adquire percepções mais elevadas tanto nos campos psíquico, moral, ético como no

sentimental. Atingir um grau elevado nas escalas de qualquer um desses valores significa estar inserido na definição espiritual de sublime (PIRES, 2005, p. 112).

2. DOCUMENTÁRIO

Neste capítulo, apresento um breve esclarecimento sobre o que é uma obra audiovisual do gênero documentário, os elementos que a compõem e o que a difere das demais obras; apresento o subgênero “documentário poético” referenciando a obra “Elena” de Petra Costa; trago o conceito de videoarte; no subcapítulo “Metamorfozes – O Documentário” disserto um resumo da ideia principal do meu projeto e por último o seu respectivo roteiro.

2.1 DOCUMENTÁRIO POÉTICO

Não é tarefa simples definir o que é um “documentário. Bill Nichols (2007), em sua obra *Introduction to Documentary* (Introdução ao Documentário), aponta que o documentário deve ser entendido como “conceito vago” sendo que este se compreende sempre através de uma relação ou comparação com os demais gêneros. A característica que mais exalta a compreensão de documentário é a característica não-ficcional que ele possui. Porém, é importantíssimo ter consciência de que não podemos conceituar o documentário como uma legítima e mera reprodução da realidade. Se assim fosse, a obra seria apenas uma réplica de algo ou de algum acontecimento. O documentário não deixa de ser, de certa forma, a apresentação da realidade de determinado assunto, mas nele não é mostrado o fato como realmente é, ou seja, produzir um documentário não é apenas chegar em um determinado lugar, ligar uma câmera e pronto, está feito o documentário, ele requer inúmeras técnicas de linguagem para contar um novo olhar acerca do assunto.

O documentário é o recorte feito aos olhos do diretor e contado através de recursos e linguagens definidas a partir da mensagem que se quer comunicar. O documentário passa, basicamente, pelas mesmas fases que os outros gêneros de filmes, são escolhidos os personagens para participar, coletado os depoimentos, efetivado as gravações, escolhido a trilha sonora, feito a decupagem, a montagem, a edição e etc. Estes processos não fazem com que o fato ali trabalhado deixe de ser real, ele continua sendo não-ficcional e documental, porém produzido a partir de uma determinada visão e de interesses específicos que se quer obter com o produto final. “O documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta, marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador” (PUCCINI, 2013, p. 15).

O que o difere dos demais gêneros é que o seu maior objetivo é contar, através de ferramentas e linguagens audiovisuais e comunicacionais, um determinado fato explorando a realidade de uma maneira diferente, possibilitando um novo olhar para quem o assiste. O documentário “representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados sejam familiares” (NICHOLS, 2012, p. 47). Como os filmes de ficção, o documentário é uma representação parcial e subjetiva da realidade, resultante de uma construção a partir das percepções do criador da produção, através de elementos linguísticos, visuais e sonoros. Entretanto, “o discurso do filme documentário tem por característica sustentar-se por ocorrências do real” (PUCCINI, 2013, p. 24).

Os temas mais recorrentes para filmes documentais são questões de interesses sociais ou que incitam debates. Outra particularidade deste gênero é a presença de depoimentos, sendo estes provindos de personagens com autoridade no assunto, ou seja, que possuem a propriedade da palavra. Os depoimentos são ferramentas importantes para este tipo de gênero, pois possuem caráter verídico dando ênfase e enriquecendo os argumentos. “A experiência de assistir a um filme difere da de olhar para a realidade de maneira que as palavras só conseguiriam explicar imperfeitamente” (NICHOLS, 2007, p. 125). Em muitas produções documentais usa-se a “voz over” e a “voz off” como recursos próprios do perfil documental para guiar o espectador através da narrativa.

Primeiramente, cabe aqui diferenciarmos *voz over* de *voz off*. Na última o emissor está dentro da diegese (se trata normalmente de um personagem) e apenas temporariamente fora da visão da câmera: se a virássemos, poderíamos vê-lo. Enquanto isso, na *voz over* temos o comentário de uma entidade que se coloca em um espaço e em um tempo diferente dos do filme - fora da diegese (HACK, 2014, p. 50).

É através dos elementos estéticos e discursivos que o documentário é gerado, adquirindo um perfil e uma voz própria na qual possibilita ao espectador novas percepções e perspectivas acerca de determinada temática. O aspecto documental de um filme é fortemente caracterizado pela “visão” do diretor perante o objeto. Dessa forma, o gênero documentário pode

(...) intervir nas formas de visibilidade, provocando rupturas na percepção estabelecida dos lugares sociais de cada um, e o fará a partir da estruturação estético/discursiva de seu argumento/narrativa, usando elementos estilísticos de composição da imagem e do som para fazê-lo (PESSOA, 2011, p. 58).

No capítulo 6 do livro “Introdução ao Documentário”, Nichols (2007) apresenta seis modos ou subgêneros do cinema documentário, sendo estes: Poético, Expositivo, Participativo, Observativo, Reflexivo e Performático. Para a realização deste projeto experimental, defini o modo poético como o estilo do documentário. Nichols salienta que o subgênero se aproxima ao cinema experimental, pessoal ou de vanguarda.

O documentário poético surgiu junto ao contexto do modernismo e das vanguardas artísticas no século XX e vicejou durante os anos 1920 “como uma forma de representar a realidade em uma série de fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e associações vagas” (NICHOLS, 2007, p. 140). Nele, a realidade é fragmentada, ou seja, a linearidade, a localização tempo/espaço não é a maior preocupação. O documentário poético “sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais” (NICHOLS, 2007, p. 138). A caracterização do modo poético se evidencia na experimentação, fragmentação e ambiguidade no uso de imagens, sons e narrativas de forma sensibilizada e artística no qual o espectador vivencia através de sensações um lirismo audiovisual, prevalecendo em maior instância a emoção. “A maneira de o cineasta ver as coisas assumiu prioridade sobre a demonstração da habilidade da câmera de registrar fiel e precisamente tudo o que via” (NICHOLS, 2007, p. 124).

Como Fernão Ramos (2008, p. 68) aponta em sua obra “Mas afinal... O que é mesmo um documentário?”, no documentário poético “(...) não estão sentenças objetivas sobre o mundo, mas a sensibilidade lírica que a exposição do sujeito-da-câmera ao mundo provoca”. A partir desses elementos que caracterizam o documentário poético como a fragmentação narrativa, a não linearidade de imagens e sons, o uso de músicas, a preocupação com a estética e a experimentação no modo geral, apresenta ao espectador a possibilidade de novas sensações, sentimentos e reflexões distintas perante a percepção do mesmo com o tema abordado.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam solução (NICHOLS, 2007, p. 138).

A poesia como uma narração linguística, visual e sonora vem com a sua lírica e seu sentimentalismo gerar um novo modo de representação do mundo, dialogando com a mente do espectador de modo a libertá-lo do olhar mecânico sobre a realidade das coisas.

Como um bom exemplo de documentário poético, podemos citar a produção brasileira “Elena” (2012) dirigida pela cineasta Petra Costa. A obra conta a história de Elena Andrade, irmã mais velha de Petra, que acaba cometendo suicídio aos 20 anos de idade. Ao assistir Elena, nota-se que a produção não é uma mera representação da história de sua irmã, mas sim uma busca de sua identidade e a autoafirmação do eu de Petra. Além disso, no decorrer do documentário observamos que a história é, na verdade, sobre três mulheres Elena, Petra e sua mãe, em que várias passagens as três personagens se mesclam em uma só e isso só se percebe através da linguagem pela qual a diretora escolheu contar o seu olhar acerca da história.

Em questão de técnicas, o documentário é constituído pela narrativa em *voz off* da própria Petra, depoimentos de pessoas que tiveram contato com Elena, inclusive da mãe delas, imagens caseiras em *VHS*, vídeos de espetáculos de teatro e entrevistas profissionais de Elena, imagens com câmera na mão feitas pela diretora em Nova York, imagens artísticas das “Ofélias¹⁴” na água e a trilha sonora com grandes trechos de pianos proporcionando uma atmosfera mais lírica à obra.

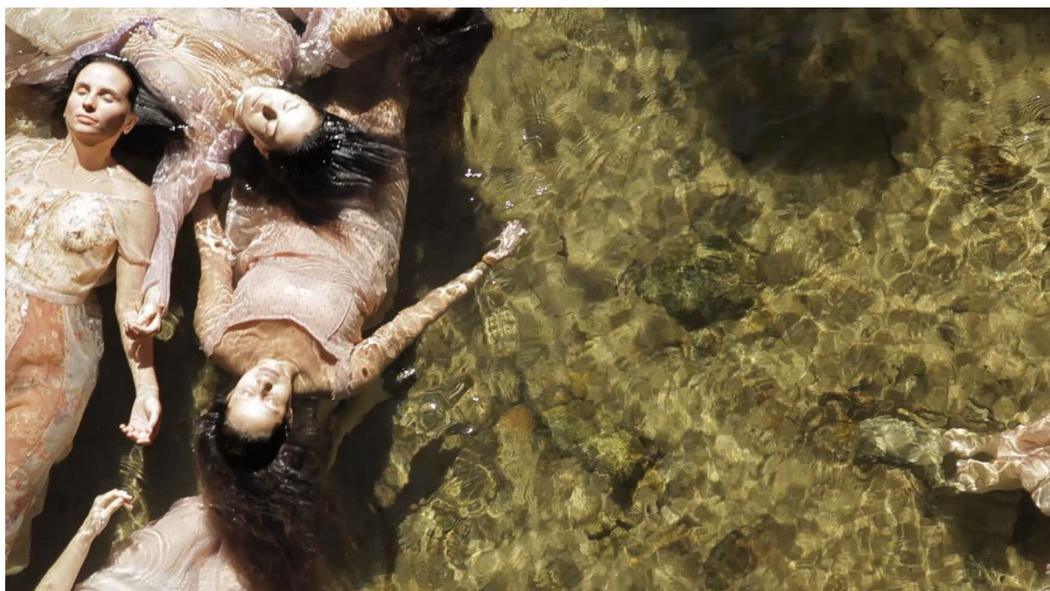


Figura 1 – Cena das Ofélias na água

¹⁴ Ofélia (em inglês *Ophelia*) é uma personagem da obra *Hamlet* de William Shakespeare. Uma possível fonte histórica de Ofélia é Katherine Hamlet, uma mulher jovem que caiu ao Rio Avon e morreu afogada, em maio de 1579.

Fonte: Filme Elena (2012).

“O tom poético nas imagens e na trilha sonora conferem ao filme uma beleza impressionante, impulsionada pela sinceridade explícita demonstrada pela diretora na história retratada” (RUSSO, [s. d.]) Pode se dizer que o longa não é formado pela análise racional,

Mas a diretora não se detém com tentativas de explicação ou de compreensão. O filme, definido pela própria autora como uma manifestação de arte, se envereda por sugestões, palavras soltas e mensagens ao pé do ouvido, sempre com o objetivo de enriquecer o espectador com imagens e sons sobre Elena (BARRA, 2013).

2.2 VIDEOARTE

A vídeoarte é uma forma expressiva e artística do campo das artes visuais de perfil experimental. Nessas obras, não há a necessidade da ordem cronológica (início, meio e fim) e nem de espaço, geralmente apresentam performances e produções artísticas com o intuito de provocação, se utilizando das diferentes linguagens, ferramentas e meios do audiovisual para isto.

A vídeoarte surgiu na década de 60 e está ligada às correntes vanguardistas, na qual os artistas da época procuravam uma arte contrária a comum e comercial da época. Ela nada mais é do que um meio de expressão artístico das artes visuais utilizando do vídeo como estrutura de propagação. Quando surgiu, ela era vista mais como uma alternativa para os artistas plásticos experimentarem e/ou divulgarem suas obras. A vídeoarte está fortemente ligada à experimentação e, diferentemente do cinema, ela tem o propósito de expor um resumo sintético do que se quer passar com a obra, não há a preocupação com personagens, tempo-espaço, enredo ou qualidade técnica da imagem. Ela é um meio de criação artístico, uma análise crítica e a mistura de diversas sensações que se utiliza do audiovisual como suporte.

A preponderância da ideia, a transitoriedade dos meios e a precariedade dos materiais utilizados, a atitude crítica frente às instituições, notadamente o museu, assim como formas alternativas de circulação das propostas artísticas, em especial durante a década de 1970, são algumas de suas estratégias (da arte conceitual) (FREIRE, 2006, pág. 10).

Ela supõe uma nova linguagem, visão e inter-relação, acerca de determinado assunto ou obra, entre imagem e espectador. Com o passar do tempo, a tecnologia foi se modernizando e possibilitando diversas, câmeras, efeitos, equipamentos, programas de edições, técnicas entre outros, contribuindo para um maior usufruto do suporte para a videoarte.

Optei por utilizar esta ferramenta visual no documentário *Metamorfoses* para compor a visão de arte em relação ao tema abordado, complementando a linguagem poética da obra, mas explicitando de forma mais direta a mensagem que eu queria passar. Em *Metamorfoses*, a videoarte se apresenta na forma de cenas de tintas (nas cores: vermelho, roxo, amarelo e preto) se dissolvendo na água. Algumas destas cenas foram gravadas em *slow motion* (câmera lenta) para dar a sensação de “fantasia”, um aspecto sobrenatural.





Figura 2 e 3 – Cenas da videoarte do documentário *Metamorfoses*.

Fonte: Própria Autora (2017).

Por meio da performance concretizada pelo ator, expressa-se através do corpo e da arte, sensações e sentimentos de acontecimentos em sua vida. Esta videoarte transmite através deste estilo de performance (conhecido também como *body art*) a ideia principal deste projeto experimental: a utilização da tatuagem, bem como a modificação corporal e a arte na construção visual da identidade do indivíduo; sendo esta uma linguagem diferente da comunicada através dos depoimentos em que cada participante respondeu às perguntas sobre o tema. Nela, o ator (semi nu) começa a pintar seu corpo com tinta. As cores utilizadas foram as cores da paleta de cor do documentário: vermelho, amarelo e roxo. Primeiro, ele se pinta com a tinta vermelha, simbolizando todas as sensações intensas que ele vivenciou em sua vida, como sofrimentos, paixões e dores. Seus movimentos, neste trecho, são mais bruscos, pois ele se pinta com certa violência se comparado aos trechos em que usa outras cores. Após, com a tinta amarela, ele pinta a sua pele com certa leveza e delicadeza em seus movimentos, demarcando todas as alegrias, conquistas e momentos positivos pelo qual passou. Esta cor simboliza a energia. Por último, o ator se pinta com a tinta roxa; seus movimentos recebem um “certo impulso” na região da costela onde o ritmo de sua respiração muda, seus traços agora significam transformação, transmutação e mudança na sua vida.



Figura 4 – Cena da performance do documentário Metamorfoses.

Fonte: Própria Autora (2017).

2.3 METAMORFOSES – O DOCUMENTÁRIO

O documentário Metamorfoses foi criado para ser uma obra com um profundo embasamento teórico e rico em argumentos, junto de uma estética refinada, subjetiva e artística a fim de ser uma obra completa e harmônica. Sua construção foi elaborada para dar voz a personagens reais, do meio da tatuagem e da modificação corporal e que veem estas práticas como um manifesto das suas personalidades, através de seus depoimentos. Além disso, incumbido da escolha do estilo poético, o construí com liberdade de linguagem artística, sensibilidade e refinamento estético. Para isso, utilizei alguns recursos como: a narração, por meio da qual se resgata a pesquisa teórica em um texto poético que engloba a tatuagem, a modificação corporal, a arte e a necessidade de expressão através do corpo na formação da identidade do indivíduo. A linguagem da narração intenciona expor este “ar de poesia” para guiar o espectador ao longo do tema, imergindo o na visão específica da obra, conhecida também como “voz própria”. Dirigi o ator para que ele conseguisse expressar a atmosfera que eu queria transmitir nas cenas em que ele aparece, para na montagem, utilizá-las destas para conduzir e ilustrar a narração, a fim de construir uma linearidade e explicitar melhor a mensagem a ser passada, interligando-se com os depoimentos e as demais cenas.

Tive a preocupação de construir uma paleta de cor, para qual cada cor foi escolhida a partir das sensações e significações que normalmente transmitem, intuindo conectar recursos visuais com a ideia. Construí junto com o ator uma performance artística, por meio da qual o movimento de seu corpo e das cores das tintas (paleta de cor do documentário) explicitam o assunto principal; e para a trilha sonora, trabalhei interdisciplinarmente com dois alunos do Curso de Música e Tecnologia da UFSM, em que eles produziram as músicas que compõem a trilha de *Metamorfoses*. Todos estes recursos utilizados foram pensados visando a montagem final, para que, juntamente com as mais diversas cenas, músicas, recursos visuais e sonoros, a tipografia e cores se produzisse um conjunto audiovisual com uma dinâmica estimulante ao espectador, e repleto de conteúdo e refinamento estético.

“Metamorfose” do latim *metamorphosis* significa transformação. É um processo no qual há mudança em parte ou no todo da estrutura de algo ou de alguém. Todos passam por mudanças, sejam elas físicas ou mentais; transmutar é da natureza das coisas. Escolhi esta palavra para dar nome ao título do documentário porque além de fazer referência a todos os processos de transição aos quais cada ser perpassa durante a vida, ela resume em uma única palavra a essência deste projeto experimental. O tema tatuagem, bem como a modificação corporal e todas as mudanças físicas que abordo neste projeto experimental significam esta transição presente em cada indivíduo em maior ou menor intensidade, seja por consequência de mudanças naturais provindas pelo tempo, por exemplo, ou alterações pela vontade própria do indivíduo. Além disso, o título se difere dos nomes dos demais documentários sobre tatuagem: ele resume a essência do tema e caracteriza o perfil do estilo poético da obra mantendo uma linearidade com o todo.

Para os depoimentos, foram escolhidos homens e mulheres que possuíssem um forte vínculo pessoal ou profissional com o tema tatuagem e a *body modification* - como um mecanismo de comunicação visual da identidade do indivíduo. Foram contatados, primeiramente, por meio de redes sociais como o *Facebook* e o *WhatsApp*, onde apresentei a proposta do projeto experimental. Aos que aceitaram participar, fiz uma pré-entrevista, também por intermédio das redes sociais e, através das respostas, consegui delinear uma primeira ideia do documentário conforme sua temática, e também já pude selecionar quem tinha um perfil mais próximo do qual eu precisava para contribuir com os depoimentos. Os depoentes foram: Camila Vermelho, Fernanda Bona, Laila Coelho, Lenon Carvalho, Lucas Camargo, Maykhon Dias, Robson Santos e Sérgio Dias. Todos os entrevistados moram na

cidade de Santa Maria/RS, tendo sido este um critério importante para sua seleção, dada a facilidade para os contatos e gravações. No total, foram oito entrevistados, sendo cinco participantes do sexo masculino e três participantes do sexo feminino. Optei, por fins estéticos e também pelo auxílio de técnicos da área, fazer todas as entrevistas no Estúdio 21 da Facos. A fim de seguir uma unidade estética e discursiva em todas as entrevistas foram utilizadas as mesmas luzes e o mesmo fundo preto para todas entrevistas, todos participantes foram dirigidos para primeiro conceberem os depoimentos e, logo após, pousarem para fazermos imagens de suas tatuagens e modificações.

A paleta de cor de Metamorfoses foi criada a partir dos significados e sensações que as mesmas transmitem a fim de complementar e reafirmar a ideia e a mensagem principal da obra por meio de recursos estéticos, bem como obter uma identidade visual do produto. Para isso, foram escolhidas as cores vermelho, amarelo, roxo, preto e branco. O vermelho é a cor dos sentimentos intensos, da dor e das paixões. “Do amor ao ódio – o vermelho é a cor de todas as paixões, as boas e as más” (HELLER, 2012, p.?). O amarelo significa alegria e vitalidade.

A experiência mais elementar que temos do amarelo é o sol. Esta experiência é compartilhada por todos como efeito simbólico: como cor do sol, o amarelo age de modo alegre e revigorante. Os otimistas têm uma disposição ensolarada, o amarelo é sua cor. O amarelo irradia, ri, é a principal cor da disposição amistosa (HELLER, 2012, p.?).

O roxo ou violeta simboliza transformações, mudanças, metamorfoses que ocorrem durante a nossa vida. É uma cor esotérica e mística. “O violeta vincula a sensualidade à espiritualidade, sentimento e intelecto, amor e abstinência. No violeta todos os opostos se fundem” (HELLER, 2012, p.?). O preto e branco visam equilibrar as demais cores e, também, fazer um contraste que construa um impacto entre uma cena e outra.

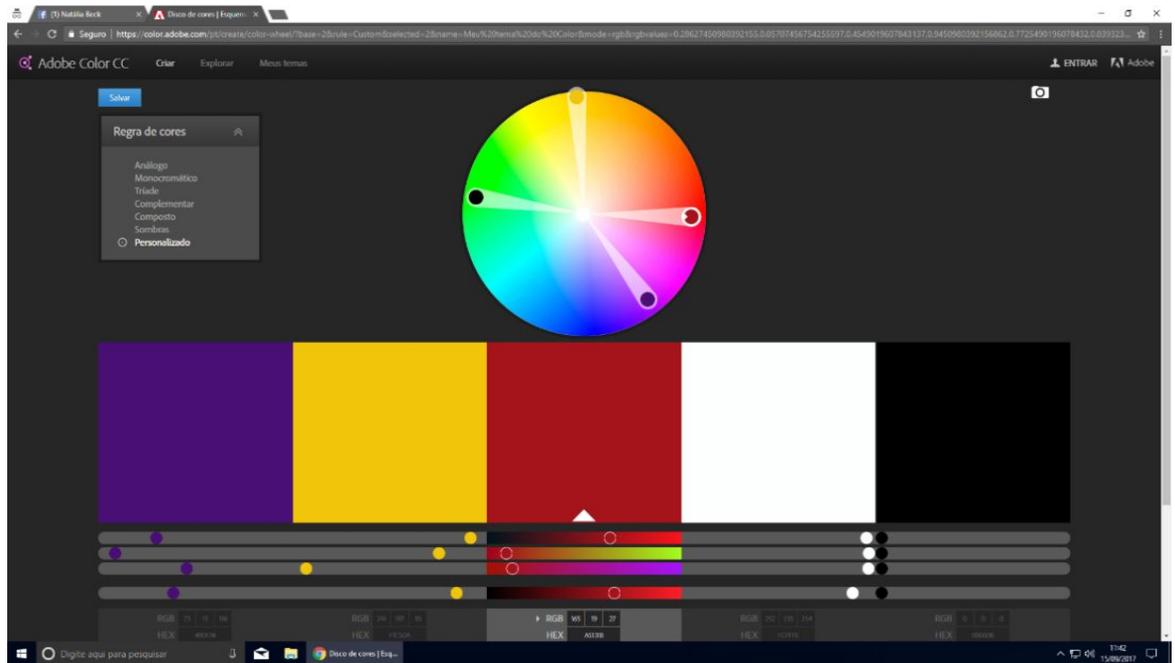


Figura 5 – Paleta de cor do Documentário Metamorfoses

Fonte: Própria autora (2017).

O objetivo é pôr em circulação na mídia um documentário diferente dos que frequentemente encontramos sobre o tema. Muitos desses documentários sobre tatuagem e práticas de modificação corporal que circulam em programas televisivos e que estão disponíveis abertamente na internet possuem um caráter expositivo que

Preocupa-se mais com a defesa de argumentos do que com a estética e subjetividade. Os documentários com essa característica predominante têm como marca diferencial a objetividade e procuram narrar um fato de maneira a manter a continuidade da argumentação (MACAUE, 2012).

E participativo que “é marcado por mostrar a participação do documentarista e sua equipe. Dessa forma, torna-se um sujeito ativo no processo de gravação/filmagem, pois aparece em conversa com a equipe e provoca o entrevistado para que este fale” (MACAUE, 2012). Estes estilos de documentário não possuem uma preocupação e dedicação focada na estética final da produção, com a sensibilidade e subjetividade da linguagem; ou o olhar político-sociológico específico acerca do assunto, descartando a exploração de um estudo profundo que se pode obter em relação às práticas relatadas acima.

O público alvo do documentário *Metamorfozes* são pessoas tatuadas e/ou adeptos da modificação corporal; profissionais do meio da tatuagem, *body piercing* e *body modification*; público em geral que possui interesse e/ou paixão pela arte, pelo corpo e expressões corporais, identidades e suas manifestações, pelas tribos contemporâneas, tatuagem, *body modification* e *body art*; e o público secundário, para que a informação se dissemine amplamente e possibilite mudança de pensamentos acerca do conteúdo abordado através do consumo desta obra. O documentário possui 15 minutos de duração.

2.4 ROTEIRO BASE

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO METAMORFOSES

| | | | |
|------------------------------------|--|--|--|
| Roteirista: Natália Beck | | Status do roteiro: produção/edição/montagem | |
| Tempo estimado: 25min | | Versão: 6 | |
| VÍDEO | ÁUDIO | OBSERVAÇÕES | |
| | <p>Trilha Sonora Instrumental (Intercalar entre narração/sonoplastia/depoimentos/silêncio)</p> <p>Narração</p> | <p>Equipe da música irá fazer, mandar edição final com antecedência de mais ou menos um mês, não mudar tempo após mandar para eles. Falar com o Victor Mascarenhas e Alexandre Blender.</p> <p>O Guilherme Senna irá gravar o áudio da narração que será gravado no Estúdio de áudio do 21 (com o Márcio).</p> | |

| | | |
|---|--|--|
| <p>IMAGEM THIAGO PARADO/ PESSOAS SE MOVENDO RÁPIDO/ TIME LAPSE/ COMO SE O MUNDO PERCORRESSE MUITO RÁPIDO E O PERSONAGEM ESTÁ PENSANDO E OBSERVANDO ISSO. OS DOIS NÃO ESTÃO EM SINTONIA.</p> | <p>Som de cidade, trânsito, pessoas, meio caótico. Quando começar a narração, para o som da cidade e começa a trilha sonora do doc.</p> <p><i>O mundo, persiste num ritmo pulsante.</i></p> <p><i>E a fluidez, se torna o nosso âmbito.</i></p> <p><i>Pelas ruas, passam vidas preenchidas de laços efêmeros e relações fugazes.</i></p> <p><i>Possibilidades de ser e de ter emergem à nossa volta.</i></p> | <p>Esta narração é a introdução.</p> |
| <p>IMAGENS EM SLOW MOTION DO THIAGO NO MURO GRAFITADO. TRANSMITIR SENSAÇÃO DE EMOÇÕES DO ATOR E EFEMERIDADE DA VIDA/ E RELAÇÕES. FAZER PLANOS FECHADOS E ABERTOS DO THIAGO.USAR O STEADYCAM PARA ACOMPANHAR O THIAGO ANDANDO.</p> | <p><i>A singularidade das diferenças se mesclam.</i></p> <p><i>Dentre esta mistura de culturas, diversidades se proliferam.</i></p> <p><i>E nesta fragmentação, que permeia a atmosfera, Minha identidade se enraíza e toma forma.</i></p> <p><i>Já que, desta complexa mistura, construí o meu eu.</i></p> | |
| <p>IMAGENS DE PLANOS ABERTOS E FECHADOS DA ALICE (CRIANÇA 7 OU 8 ANOS). CENAS DELA SE PINTANDO COM CANETINHA. SENSAÇÃO DE CRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DESDE CRIANÇA.</p> | <p><i>Diante à fluidez da vida, escolhi me solidificar.</i></p> <p><i>Marcar na pele,</i></p> <p><i>Convertendo-a em cicatriz risonha e corrosiva,</i></p> <p><i>Configurando parte de mim.</i></p> | <p>Esta narração é sobre tatuagem.</p> <p>Ela deve usar vestido vermelho. O fundo da cena deve ser branco.</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>ILUSTRAR COM IMAGENS O TEXTO DA NARRAÇÃO. IMAGENS DE ALGUÉM DESENHANDO COM LÁPIS NO PAPEL, DE TINTAS DE TATUAGEM, E TATUADOR TATUANDO.</p> | <p><i>Por meio de traços, cores e tinta.</i></p> | <p>Gravar estas cenas num estúdio de tatuagem (Santa Tattoo).</p> <p>Usar as tintas em tons de roxo para manter uma linearidade visual com as outras cenas, de tatuagem, tinta na água e paleta de cor do documentário... Cuidar (na pós) para manter os mesmos tons de roxo.</p> |
| <p>CENA COM LENTE MACRO DA MÁQUINA TATUANDO. (USAR COR ROXA – A COR USADA AQUI DEVE SER A MESMA COR USADA NA CENA A SEGUIR)</p> | | |
| <p>CENAS EM SLOW MOTION DA TINTA NA ÁGUA (ESTAS CENAS DEVEM DAR A SENSAÇÃO DE DELICADEZA/ARTE/UM NOVO OLHAR SOBRE A TATUAGEM).</p> <p>“TÍTULO DO DOC” (TIPOGRAFIA CAIXA ALTA)</p> <p>CENAS EM SLOW MOTION DA TINTA NA ÁGUA.</p> | <p>Usar a música com piano aqui.</p> | <p>Montar no Premiere o título do doc sobreposto à imagem da cena de tinta na água.</p> <p>Usar as cenas de cores roxo e vermelho para construir uma linearidade da cena anterior.</p> <p>Fazendo referência à tinta roxa entrando dentro do “organismo” de quem está sendo tatuado, e o vermelho simbolizando o sangue.</p> <p>Cenas poéticas, de tinta, de criação, devem ter o fundo branco para contrastar com as cenas dos depoimentos de fundo preto.</p> |

| | | |
|---|---|--|
| <p>ENTREVISTADOS SENTADOS, DOIS PLANOS/CÂMERAS PARADAS: PLANO MÉDIO E PLANO FECHADO (NO ROSTO PARA SALIENTAR AS EMOÇÕES). FUNDO PRETO DO ESTÚDIO. ILUMINAÇÃO SOMBRIA E COM LUZ DE PREENCHIMENTO PARA FAZER O CONTORNO/SE DESTACAR DO FUNDO</p> <p>INTERCALAR OS DEPOIMENTOS DE PESSOAS DIFERENTES PARA NÃO FICAR MONÓTONO, TER RITMO. COBRIR ALGUMAS FALAS COM CENAS DAS TATUAGENS E MODIFICAÇÕES DA PESSOA.</p> <p>PARA DAR UM “RESPIRO” NESSE BLOCO DE DEPOIMENTOS USAR TRECHOS DO “O LIVRO DOS RESSIGNIFICADOS” SOBRE O SIGNIFICADO DE TATUAGEM, ENTRE UMA E OUTRA QUANTIA DE DEPOIMENTOS.</p> | <p>Nos depoimentos não usar trilha sonora. Depoimentos de homens e mulheres de diferentes idades que possuam forte ligação pessoal e/ou profissional com a tatuagem.</p> <p>Aqui, nestes trechos, usar um som de ambientação ou silêncio (ver o que fica melhor).</p> | <p>Os depoimentos estão divididos por áreas, este primeiro bloco é sobre tatuagem.</p> <p>Os depoimentos devem passar a sensação de seriedade e confiança de quem fala. Entrevista luz sombria 4x1. Cenas do corpo (menor contraste) 1x1. Após feita as entrevistas fazer imagens do entrevistado (com a luz e fundo preto). Fazer imagem plano aberto da pessoa, o mesmo deve estar de pé e parado esta imagem deve ser feita com o travelling em direção horizontal reta à pessoa.</p> <p>Várias cenas detalhes (plano fechado/lente macro) das tatuagens da pessoa.</p> |
|---|---|--|

| | | |
|--|--|---|
| <p>FAZER CENAS EM PLANO MÉDIO COM UM GRUPO DE PESSOAS (SEMI NUAS) COM VÁRIAS TONALIDADES DIFERENTES DE PELE. ELAS DEVEM ESTAR SÉRIAS, PARADAS, POSICIONADAS UMA AO LADO DA OUTRA E ALGUMAS NA FRENTE, OLHAR DIRECIONAL PARA A CÂMERA. TRABALHAR NA LUZ PARA QUE REALCE A QUESTÃO DE DIFERENÇAS DE PELE. . USAR O TRAVELLING.</p> | <p>Voltar a trilha sonora do doc.</p> <p><i>A nossa pele conta a nossa história.</i></p> <p><i>Enuncia detalhes de origens, etnias e singularidades.</i></p> | <p>Esta narração é sobre pele.</p> <p>Cenas no Estúdio 21. Fundo preto (seriedade). Linearidade com os depoimentos.</p> |
| <p>CENA DETALHE, USAR LENTE MACRO. CAPTAR O OLHAR SÉRIO, MARCAS DE EXPRESSÃO, RUGAS DE PESSOAS MAIS VELHAS. PASSAR SENSÇÃO DE VIVÊNCIA, SERIEDADE, CONFIANÇA.</p> | <p><i>Nela, entre vincos e linhas, o tempo tece com maestria, O registro da nossa história, da nossa existência.</i></p> | <p>Cenas no Estúdio 21. Fundo preto (seriedade). Linearidade com os depoimentos.</p> |
| <p>FAZER CENA PLANO MÉDIO OU FECHADO DE ALGUÉM COM BASTANTE TATUAGEM. ILUSTRAR O QUE ESTÁ SENDO DITO NA NARRAÇÃO.</p> | <p><i>E dentre a infinitude de tonalidades, eu escolhi colorir a minha.</i></p> | <p>Cenas no Estúdio 21. Fundo preto (seriedade). Linearidade com os depoimentos.</p> |
| <p>CENAS DE RESPIRAÇÃO DE UM HOMEM BEM MAGRO (SEMI NU), COM OSSOS BEM SALIENTES. FAZER NO FUNDO PRETO. TRABALHAR NA LUZ PARA PEGAR</p> | <p>Sonoplastia de respiração, sem trilha.</p> | |

| | | |
|--|--|--|
| <p>CADA DETALHE SALIENTE DO CORPO, COM ÊNFASE NA COSTELA.</p> | | |
| <p>CENAS DE UM HOMEM BEM MAGRO (SEMI NU), COM OSSOS BEM SALIENTES. FAZER NO FUNDO PRETO. TRABALHAR NA LUZ PARA PEGAR CADA DETALHE SALIENTE DO CORPO. OSSOS, COLUNA, COSTELA DEVEM FAZER REFERÊNCIA ÀS MODIFICAÇÕES COMO IMPLANTES SUBDERMAIS DO CORPO.</p> | <p><i>O corpo, de natureza maleável e transmutável nos clama por mudanças.</i> <i>Escolhi, fazer do meu corpo, mais um meio de expressão.</i></p> | <p>Esta narração é sobre o corpo.</p> |
| <p>CENAS ABERTAS, FECHADAS, PARADAS, NA MÃO, COM TRAVELLING DE VÁRIAS PESSOAS TATUADAS E MODIFICADAS. ILUSTRAR BEM A NARRAÇÃO.</p> | <p><i>Nele, inscrito em estações, Corporificou-se traços que antes persistiam apenas na minha memória.</i> <i>E modificações de minha preferência,</i> <i>Recebem nele, adornos, formas, tamanhos e cores.</i> <i>Meu corpo me particulariza,</i> <i>Personifica a minha subjetividade e materializa a minha essência.</i></p> | <p>Cenas no Estúdio 21, fundo preto.</p> |
| <p>USAR CENA DE BATIDA DO CORAÇÃO, A IDEIA É PASSAR A QUESTÃO DO CORPO COMO MALEÁVEL, PULSANTE E PROPÍCIO A MODIFICAÇÃO. MOSTRANDO FORMAS, MOVIMENTOS, ETC.</p> | <p><i>Propiciando transmutação, Projeta para a superfície o que me pulsa inerente.</i></p> <p>Depois da narração desta cena, usar sonoplastia das batidas de coração.</p> | |

| | | |
|--|--|--|
| <p>ENTREVISTADOS SENTADOS, DOIS PLANOS/CÂMERAS PARADAS: PLANO MÉDIO E PLANO FECHADO (NO ROSTO PARA SALIENTAR AS EMOÇÕES). FUNDO PRETO DO ESTÚDIO. ILUMINAÇÃO SOMBRIA E COM LUZ DE PREENCHIMENTO PARA FAZER O CONTORNO/SE DESTACAR DO FUNDO</p> <p>INTERCALAR OS DEPOIMENTOS DE PESSOAS DIFERENTES PARA NÃO FICAR MONÓTONO, TER RITMO. COBRIR ALGUMAS FALAS COM CENAS DAS TATUAGENS E MODIFICAÇÕES DA PESSOA.</p> | <p>Nos depoimentos não usar trilha sonora. Depoimentos de homens e mulheres de diferentes idades que possuam forte ligação pessoal e/ou profissional com a tatuagem.</p> | <p>Este bloco de depoimentos é sobre modificação corporal.</p> |
| <p>CENA DA MÁQUINA DE TATUAGEM TATUANDO A PELE.</p> | <p>Não usar trilha musical, usar só a narração/dar sensação de impacto.</p> <p><i>“- Dói? Muitos me perguntam.”</i></p> | <p>Esta é a narração sobre dor.</p> |

| | | |
|--|--|---|
| <p>CENA EM SLOW MOTION/MACRO/ DA AGULHA PERFURANDO A PELE NA TATUAGEM.</p> | <p>Sonoplastia máquina de tatuagem. Ir diminuindo o som da máquina e parar.</p> | <p>Deixar o som da máquina de tatuar, proporcionar a sensação de dor/desconforto.</p> <p>Ver o áudio da máquina de tatuagem no vídeo “Skull, snakes and the flowers of death” 02:22 https://vimeo.com/220987498 Usar algo parecido.</p> |
| <p>CENAS FECHADAS E EM SLOW MOTION DO THIAGO ANDANDO NA FRENTE DO MURO GRAFITADO. USAR ALGUMAS CENAS FECHADAS NA TATUAGEM DELE. DAR A SENSÇÃO DE QUE O QUE ESTÁ SENDO NARRADO SÃO PENSAMENTOS DA MENTE DELE, DE LEMBRANÇAS, ETC.</p> | <p>Fazer uma ambientação sonora para estas cenas.</p> <p><i>Quando a agulha perfura a pele, injetando a tinta, A dor existe ali, no momento. Na vida, aprendemos que certas dores latejam eternamente. Amores, que viram lembranças, Pessoas e momentos que se esvaem com o tempo. Então, aprendi a não temê-la, A me manter forte e seguir em frente.</i></p> | |
| <p>ENTREVISTADOS SENTADOS, DOIS PLANOS/CÂMERAS PARADAS: PLANO MÉDIO E PLANO FECHADO (NO ROSTO PARA SALIENTAR AS EMOÇÕES). FUNDO PRETO DO ESTÚDIO. ILUMINAÇÃO SOMBRIA E COM LUZ DE PREENCHIMENTO PARA FAZER O CONTORNO/SE DESTACAR DO FUNDO</p> | <p>Nos depoimentos não usar trilha sonora. Depoimentos de homens e mulheres de diferentes idades que possuam forte ligação pessoal e/ou profissional com a tatuagem.</p> | <p>Este bloco de depoimentos é sobre a dor.</p> |

| | | |
|--|--|---|
| <p>INTERCALAR OS DEPOIMENTOS DE PESSOAS DIFERENTES PARA NÃO FICAR MONÓTONO, TER RITMO. COBRIR ALGUMAS FALAS COM CENAS DAS TATUAGENS E MODIFICAÇÕES DA PESSOA.</p> | | |
| <p>USAR CENAS DAS TINTAS NA ÁGUA. VÁRIAS CORES, CENAS MAIS ABERTAS, E MAIS FECHADAS, E EM SLOW MOTION. FAZER VÁRIOS CORTES COM VÁRIAS CENAS PARA DAR RITMO À MONTAGEM. DEVEM FAZER REFERÊNCIA À ARTE.</p> | <p>Música de piano.</p> <p><i>Trago em mim, da natureza humana, O fundamento da expressão. Sentimentos e entoações, Que em palavras, não se limitariam. A arte, Como a mais pura flor que brota em meio ao asfalto das ruas, Nos resguarda do banal tédio dos dias. Nos aproxima da mais célebre beleza, Em meio à crua realidade da vida.</i></p> | <p>Esta é a narração sobre arte.</p> <p>As cores das tintas devem ser de cor amarela, vermelha, roxa, e preta (para manter a paleta de cor do documentário)</p> |
| <p>ENTREVISTADOS SENTADOS, DOIS PLANOS/CÂMERAS PARADAS: PLANO MÉDIO E PLANO FECHADO (NO ROSTO PARA SALIENTAR AS EMOÇÕES). FUNDO PRETO DO ESTÚDIO. ILUMINAÇÃO SOMBRIA E COM LUZ DE PREENCHIMENTO PARA FAZER O CONTORNO/SE DESTACAR DO FUNDO</p> | <p>Nos depoimentos não usar trilha sonora.</p> <p>Depoimentos de homens e mulheres de diferentes idades que possuam forte ligação pessoal e/ou profissional com a tatuagem.</p> | <p>Este bloco de depoimentos é sobre a arte.</p> |

| | | |
|---|---|---|
| <p>INTERCALAR OS DEPOIMENTOS DE PESSOAS DIFERENTES PARA NÃO FICAR MONÓTONO, TER RITMO. COBRIR ALGUMAS FALAS COM CENAS DAS TATUAGENS E MODIFICAÇÕES DA PESSOA.</p> | | |
| <p>PERFORMANCE DO THIAGO (ATOR) GRAVADAS NO CHROMA KEY. O MESMO DEVE ESTAR SEMI NU, ONDE PINTA SEU CORPO COM TINTAS DE COR VERMELHA, AMARELA E ROXA.</p> | <p>Trilha sonora normal do doc.</p> | <p>Estúdio do CTISM, usado o chroma, substituir para fundo preto.</p> <p>A performance foi criada unicamente para este documentário.</p> <p>Foram usadas as cores vermelho, amarelo e roxo significando respectivamente: vivências de dor, alegria, e transmutação.</p> |
| <p>ENTREVISTADOS SENTADOS, DOIS PLANOS/CÂMERAS PARADAS: PLANO MÉDIO E PLANO FECHADO (NO ROSTO PARA SALIENTAR AS EMOÇÕES). FUNDO PRETO DO ESTÚDIO. ILUMINAÇÃO SOMBRIA E COM LUZ DE PREENCHIMENTO PARA FAZER O CONTORNO/SE DESTACAR DO FUNDO</p> <p>INTERCALAR OS DEPOIMENTOS DE PESSOAS DIFERENTES</p> | <p>Nos depoimentos não usar trilha sonora.</p> <p>Depoimentos de homens e mulheres de diferentes idades que possuam forte ligação pessoal e/ou profissional com a tatuagem.</p> | <p>Este é bloco de depoimentos é a discussão final (último bloco).</p> |

| | | |
|---|---|---|
| <p>PARA NÃO FICAR MONÓTONO, TER RITMO. COBRIR ALGUMAS FALAS COM CENAS DAS TATUAGENS E MODIFICAÇÕES DA PESSOA.</p> | | |
| <p>CENAS DE PLANOS DIFERENTES, ABERTO, MÉDIO, FECHADO DE VÁRIAS PESSOAS TATUADAS E MODIFICADAS.</p> | <p>Trilha sonora normal do doc.</p> <p><i>Por trás de cada traço, há um universo de sentidos pelo qual me identifico.</i></p> <p><i>As minhas tatuagens são marcas visuais da minha identidade,</i></p> <p><i>E da minha expressão para o mundo.</i></p> <p><i>Emergem sobre a pele, tudo aquilo que me tingem por dentro.</i></p> <p><i>Não é um erro,</i></p> <p><i>Nem um anseio passageiro,</i></p> <p><i>Elas fazem parte da vida que escolhi para mim.</i></p> <p><i>E de tudo aquilo que acredito.</i></p> | <p>Esta é a narração sobre tatuagem.</p> <p>Cenas gravadas no Estúdio 21, fundo preto.</p> |
| <p>CENA EM SLOW MOTION DO THIAGO, NO MURO GRAFITADO, OLHANDO EM DIREÇÃO À CÂMERA</p> | <p><i>Para haver metamorfose, transições são necessárias.</i></p> | <p>Depois que sair esta cena, e ficar o plano preto, continuar um pouco a música e depois cortar.</p> |

3 DIÁRIO DE CAMPO

Neste capítulo evidencio as principais etapas de todo o processo da produção do documentário *Metamorfoses*, sua pré-produção, produção e pós-produção, bem como na forma de esquemas. No final, trago as mesmas fases elencadas em forma de tabela.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Na disciplina de Teoria e Método de Pesquisa II, cursada no ano de 2016, eu já tinha em mente a ideia de criar um documentário de estilo poético sobre tatuagem, porém era uma ideia muito vaga bem diferente do processo pelo qual acabei executando na disciplina de Teoria Aplicadas em Comunicação I e II em 2017. Em março, comecei a pesquisa que fundamentou a parte teórica deste projeto. Comecei procurando livros sobre tatuagem nas bibliotecas da UFSM, primeiro livro que encontrei foi o “O corpo como suporte da arte”, de Beatriz Ferreira Pires, o qual aborda, de forma resumida, exatamente o foco do assunto que eu queria abordar no meu projeto, o que facilitou a demarcação de conteúdo. Tive grande dificuldade em encontrar livros sobre o assunto em livrarias de Santa Maria/RS, bem como na feira do livro. Basicamente, todos os livros que eu encontrei sobre o assunto foram na biblioteca da UFSM ou em sites de compras na internet. Muitos dos livros que aprofundavam o assunto não estavam disponíveis em PDF de forma gratuita ou não tinham tradução para o português. Diferentemente dos livros, encontrei inúmeros artigos e trabalhos de graduação sobre as mais diversas vertentes do tema. Com isso, fui pesquisando nos demais livros, artigos, filmes que estão na bibliografia deste trabalho. Como uma forte referência de documentário sobre tatuagem e modificação corporal utilizei o programa televisivo TABU América Latina, produzido pela *NatGeo*, porém tive grande dificuldade de encontrá-los disponíveis online, encontrando somente dois ou três episódios; como referências estéticas de audiovisual sobre tatuagem eu usei *Skin Deep – A Youth Culture Tattoo Documentary* produzido por *Thinkhouse* e *Skulls snakes and the flower of death* produzido por *Autobahn*.

Através desta pesquisa, construí uma série de perguntas que eu gostaria de saber e abordar no meu projeto. Publiquei pelo *Facebook* a proposta inicial, procurando pessoas dispostas a participarem respondendo estas primeiras questões. Nesta primeira etapa, pessoas de outras cidades e até Estados participaram. Não tive dificuldades neste processo de

encontrar pessoas disponíveis. Uma “pré-entrevista” foi realizada por meio do *WhatsApp* no dia vinte e um de abril, em que dezoito pessoas se disponibilizaram a participar. Algumas respostas foram enviadas através de áudios e mensagens de texto, porém muitas pessoas não deram retorno. As que participaram, aqui, ficaram cientes que não participariam necessariamente da produção do documentário, sendo esta uma pré-entrevista sem “compromisso” de aparecer na produção final. Algumas respostas foram bem norteadoras para a concretização da ideia do projeto acarretando na participação dos mesmos personagens na produção de *Metamorfozes*, outras foram bem superficiais não contribuindo muito, no caso destas a pessoa não participou da gravação do depoimento, porém algumas se disponibilizaram a participar apenas com imagens delas. Não tive dificuldade em encontrar pessoas tatuadas dispostas a participar aqui na cidade. Porém, já na questão de modificação corporal foi bem difícil, pois não há o costume nem a acessibilidade de fazer tais procedimentos na cidade de Santa Maria RS. Encontrei apenas dois “modificados”, uma mulher com bifurcação na língua e um homem com um implante subcutâneo na mão e estes procedimentos, segundo eles, não foram efetivados aqui na cidade. No entanto, os dois aceitaram facilmente participar do meu projeto.

Diante das respostas enviadas, eu comecei a elaborar a ideia do projeto, os objetivos, justificativas e a metodologia. Comecei em junho a elaborar uns rascunhos de roteiro e em julho escrevi um poema sobre tatuagem, mas que não veio a ser usado porque não era o que eu tinha em mente para usar como narração no documentário, mas serviu como base para a elaboração da narração final. O roteiro foi um processo que demorou cerca de cinco meses para ser finalizado. Entre agosto e setembro comecei a concretizar o texto da narração, o qual construí a partir da pesquisa teórica e algumas referências como poemas, textos, livros e filmes de tatuagem.

Durante os meses de agosto e novembro, através de publicações no *Facebook* e contatos pessoais, eu encontrei pessoas que se propuseram a ajudar como figurantes nas demais cenas, como nas cenas de tonalidades de pele, a cena de “respiração” e a cena da criança. Em agosto, entrei em contato com o aluno de Artes Cênicas da UFSM, Thiago Brenner para convidá-lo a fazer a atuação e com um dos meninos do curso de Música e Tecnologia da UFSM, o Victor Mascarenhas, a fim de convidá-lo a produzir a trilha sonora do meu projeto experimental. Depois de apresentar a minha proposta para eles, mantivemos contato através de redes sociais e alguns encontros no qual trocávamos referências e, somente

no início de novembro, entrei em contato com o ator Guilherme Senna, para gravar na sua voz a narração que escrevi.

TABELA DE PLANEJAMENTO DO DOCUMENTÁRIO METAMORFOSES

| | |
|----------------------------------|---|
| REFERÊNCIAS | As referências audiovisuais que utilizei para o documentário foram: O programa televisivo TABU América Latina produzido pela <i>NatGeo</i> ; <i>Skin Deep – A Youth Culture Tattoo Documentary</i> produzido por <i>Thinkhouse</i> ; e <i>Skulls snakes and the flower of death</i> produzido por <i>Autobahn</i> . |
| SELEÇÃO DE ATOR E LOCUTOR | <p>Escolhi o Thiago Brenner para atuar no documentário, pois além dele ser estudante das artes cênicas e possuir experiência no meio, ele é, também, um adepto da prática da tatuagem e da modificação corporal, facilitando no engajamento dele perante a proposta e maior contribuição de “valor de verdade” para as cenas do documentário.</p> <p>Escolhi o Guilherme Senna para a voz de locução da narração do documentário porque é uma voz jovem e masculina, sendo condizente e harmônica com as cenas interpretadas pelo ator Thiago Brenner.</p> |
| SELEÇÃO DE FIGURANTES | <p>As cenas de figurantes ficaram subdivididas em:</p> <ul style="list-style-type: none">- Tonalidades de pele: Através do <i>Facebook</i>, procurei por pessoas que se disponibilizassem a participar das gravações. Busquei por pessoas de diferentes tonalidades de pele, gênero e etnias para agregar uma diversidade à cena.- Criança: Escolhi uma criança de mais ou menos sete anos porque é nesta fase que ela já possui traços fortes da sua personalidade e porque já começa a construir o seu caráter. Optei por ser uma criança do gênero feminino para contestar a ideia de que a tatuagem é uma sexualização do corpo da mulher ou mero fetiche como muitas pessoas acreditam ser. |

| | |
|---------------------------------|--|
| | <p>- Corpo: Escolhi um modelo bem magro para poder mostrar as “saliências” como o relevo dos ossos, músculos e costelas sob a pele que o corpo humano possui fazendo referência, também, aos implantes subcutâneos; mostrar a anatomia humana.</p> |
| SELEÇÃO DE ENTREVISTADOS | <p>Os entrevistados foram contatados por meio de redes sociais, por onde eu conversei e apresentei, para cada um, a proposta do projeto. Através de uma pré entrevista, as pessoas que possuíam um contato mais “profundo” com a tatuagem como a relação de identidade puderam participar das gravações. A escolha de ser residente na cidade de Santa Maria RS contribuiu bastante pela questão de mobilidade.</p> |
| PLANO DE FIGURINOS | <p>Foram escolhidos os figurinos para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cenas do ator: Uma regata branca e um short jeans azul; Sobrancelha azul e uso de piercings; - Cenas das tonalidades de pele: Foi pedido para que as mulheres usassem cropped, blusas e saias de tons terrosos e nudes e os homens não usassem camiseta, apenas uma calça jeans. - Cenas da criança: Um vestido vermelho para manter a paleta de cor e pela questão da confrontação tanto da cena (uma menina desenhando em seus braços), como do significado que o “vermelho” carrega erroneamente, pela sociedade, em relação à mulher (questão de promiscuidade e caráter sexual). |
| PLANO DE LUZ | <ul style="list-style-type: none"> - Nas cenas externas foi usada apenas a luz natural. - A iluminação das cenas de tonalidade de pele e da criança é mais difusa se comparada à luz das entrevistas e é uma iluminação de dois pontos. |

| | |
|--|--|
| | <p>- A iluminação dos depoimentos é a dos três pontos, foi escolhida para passar a sensação de “valor de verdade”, sendo uma luz mais “séria” e sombria; neste efeito de luz tem-se um lado do rosto mais escuro que o outro.</p> <p>- Nas cenas do “corpo nu” foi usada uma iluminação mais “dura” na lateral, para realçar cada forma do objeto.</p> <p>- Na performance foi usada uma iluminação mais “dura”, deixando o fundo bem iluminado para uso do <i>Chroma Key</i>.</p> |
| PLANO ESTÉTICO | <p>Os elementos estéticos (figurinos e cenários) do documentário foram escolhidos para obterem uma harmonia com a mensagem que cada cena transmite, bem como o uso do vermelho, amarelo e roxo da paleta de cor.</p> <p>Para a tipografia do documentário foi escolhido um estilo sem serifa para trazer um aspecto mais “moderno” e um estilo manuscrito que faz referência às tatuagens escritas como mensagens, palavras e nomes.</p> |
| DECUPAGEM DE DIREÇÃO | <p>Todas as imagens foram decupadas por mim, feitas após a maioria das gravações e organizadas em tabela como mostra o “Apêndice E” deste trabalho.</p> |
| PLANO DE DIAS E HORÁRIOS DE GRAVAÇÃO. | <p>As datas e horários das gravações internas ficaram sob a disponibilidade dos horários vagos do Estúdio 21, dos meus horários e dos participantes. E as gravações externas ficaram sob a disponibilidade dos meus horários, bem como do Thomás Townsend e do Thiago Brenner.</p> |
| LOGÍSTICA: TRANSPORTES E ALIMENTAÇÃO | <p>Cada participante ficou responsável pelo seu meio de deslocamento e alimentação para as gravações.</p> |

3.2 PRODUÇÃO

Nesta etapa, dei início às gravações. A primeira gravação aconteceu por meio de setembro e foi com uma das entrevistadas, gravamos primeiro o depoimento e logo após as cenas das tatuagens, assim como fizemos nos demais depoimentos. Entre os meses de setembro e novembro foram gravadas as entrevistas e as cenas internas dos demais personagens no Estúdio 21 da Facos com a ajuda de operação de câmera e direção de fotografia do Diego Fabian Pimentel, salvo a performance feita pelo Thiago Brenner que foi gravada no estúdio do CTISM com a operação de câmera realizada pelo Marcos Cargnin e iluminação de Gabriel Machado Soares e as cenas das tintas na água que foram produzidas no estúdio da TV Campus com a operação de câmera do Thomás Townsend, as demais foram gravações externas em que o Thiago Brenner atuou, também com o Thomás Townsend como operador de câmera e diretor de fotografia. Nesta etapa de gravações, as dificuldades que obtive foram mais no âmbito de conciliar os meus horários com os horários dos participantes e do Estúdio para efetuarmos as gravações. No demais foi tranquilo, consegui dirigir tanto as pessoas que me ajudaram a gravar as cenas como os que participaram com depoimentos e imagens, o ator e a narração.

A produção da trilha sonora realizada pelos alunos de Música e Tecnologia da UFSM, Victor Mascarenhas e Alexandre Bender, sob orientação do Márcio Echeverria Gomes, foi executada entre os meses de outubro e novembro a partir de reuniões que tivemos e referências que trouxe para eles. No final de outubro, o Felipe Dagort gravou o áudio da narração sob o comando do Márcio Echeverria Gomes, na qual usei como um teste para fazer a primeira montagem do documentário, porém a gravação final do áudio da narração foi feita no mês de novembro, produzida pelo Márcio e gravado na voz do Guilherme Senna.

TABELA TÉCNICA DE GRAVAÇÕES

| | CÂMERAS | LENTES | CONFIGURAÇÕES | PLANOS | LUZ |
|--|----------------|---------------|----------------------|---------------|------------|
|--|----------------|---------------|----------------------|---------------|------------|

| | | | | | |
|--------------------------|-----------------------|--|--|---|--|
| DEPOI- MENTOS | 2 CÂMERAS DSLR T3I | 50 mm (PLANO ABERTO) 24-70mm (PLANO FECHA-DO) | 1920 x1080; ISO 400; 30 fts; F: 3.5 (LUZ PRINCIPAL) F: 1.8 (LUZ DE PREENCHIMENTO) PERFIL DE COR NEUTRO: 3,-4,-4,0 | 1 CÂMERA EM PLANO ABERTO; 1 CÂMERA EM PLANO FECHADO; | LUZ PRINCIPAL DIFUSA 3200 (FRESNEL) LUZ DE PREENCHIMEN-TO 3200 (FRESNEL) CONTRALUZ |
| PERFOR- MANCE | 1 CÂMERA 60D CANON | 100 mm MACRO | F: 2.8 | PLANO FECHADO | 2 LUZES CONTÍNUAS E UMA LED |

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

Na pós-produção comecei realizando nos meses de outubro e novembro a decupagem de todos os arquivos de imagem gravados, bem como uma pesquisa de trilhas musicais de referências para facilitar a montagem das cenas no programa *Adobe Premiere*, e também auxiliar os meninos da música na criação da trilha sonora. Pelos meses de outubro e novembro, comecei a montagem, a qual mudou diversas vezes até chegar na versão final. A edição se deu também nestes meses, pois todas as imagens já tinham sido gravadas e decupadas e o roteiro já estava pronto ou no processo de estar finalizado.

A edição e montagem foram realizadas em casa por meio dos meus computadores pessoais e no Estúdio 21 com o auxílio do Rafael Silveira. As maiores dificuldades desta etapa foram as dúvidas que surgiram em relação às ferramentas do programa *Adobe Premiere* e o pouco tempo para o processo da pós-produção, o que impossibilitou a finalização do produto final a tempo da entrega dos trabalhos de conclusão de curso, solicitada pela secretaria do curso no dia vinte e quatro de novembro. Um dos maiores impasses da concretização do documentário foi na finalização na pós-produção, o produto entregue aqui não foi finalizado conforme eu almejava por questões de curto período de tempo para tal, acarretando na ausência da correção de cor, *color grading* (gradação de cor) e finalização, impossibilitou um maior refinamento das cenas da performance feitas com o fundo *Chroma*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tatuagem, mesmo sendo uma prática milenar implementada pelos mais diferentes povos e tribos, prevalece fortemente efetivada nos dias atuais pelas mais diferentes culturas nas mais diversas significações. A mesma perpassa por mudanças, desde suas técnicas e modos de aptidão, bem como, seus materiais, estilos e significados, a tatuagem na atual época de “reprodutibilidade” ainda mantém seu caráter maior de comunicação, como um mecanismo de linguagem e de demarcação visual na pele, traços enraizados profundamente na identidade do indivíduo. Tatuagem e modificação corporal são um forte instrumento de expressão visual e expressão física da personalidade de quem as têm. Durante todas as fases da vida, perpassamos, por diversas mudanças físicas, psíquicas e morais. O fenômeno da transformação está incumbido na natureza de todo o organismo vivo. Diante deste fato, deveríamos olhar para as modificações corporais – extremas e definitivas ou não – com certa naturalidade. Já que, a única diferença que existe entre as mudanças físicas resultantes da natureza da vida como o tempo por exemplo e a *body modification*, é a livre escolha de quem as pratica; o que não deveria ser visto como algo “anormal”, causando tamanho estranhamento como qual existe na sociedade.

Acredito que um grande fator que ocasiona este estranhamento e preconceito em relação à tatuagem e a modificação corporal, é o modo como o tema é abordado na mídia, ou melhor, a ausência dele. A mídia de massa não possui a mínima preocupação em abordar este tipo de assunto, não proporcionando espaços para informação acerca destas questões, muito menos possibilita formas de discussão sobre. E quando abordam, o fazem de maneira superficial e impregnada de opiniões negativas o que só reforça o perfil marginalizado que a sociedade já enxerga acima das práticas e seus praticantes.

Em relação a produtos midiáticos como documentários, por exemplo, geralmente de origem estrangeira, notamos que prevalece o subgênero expositivo e participativo. Estas produções raramente abordam o tema tatuagem com uma conexão tão ampla e reflexiva em relação às modificações, a necessidade de expressão visual da identidade e outros aspectos que abordo aqui na parte escrita e no documentário *Metamorfoses*. Além disso, estas obras não possuem o cuidado estético final, normalmente utilizam de imagens e sons de arquivos antigos o qual não costumam possuir boa qualidade, sem falar na construção de todo o conjunto de linguagens como a paleta de cor, o cuidado de construir uma trilha sonora autoral,

o cuidado de produzir um “ritmo” à montagem final, ou utilizar dos demais artificios como a videoarte, a atuação, o cuidado com a luz, cenário e etc., se distanciando da afirmação da “voz própria” da obra, porque a maior preocupação destas produções são “documentar”, ou seja, o argumento e a mensagem ali exposta acabam sendo mais importante que a estética final.

Com a produção e execução deste projeto experimental, consegui concretizar com sucesso a minha maior intenção: fazer um produto audiovisual no formato de documentário de subgênero poético que abordasse o tema tatuagem juntamente com a sua ligação à modificação corporal como um importante mecanismo da expressão visual da identidade do indivíduo por meio dos mais variados argumentos, sejam eles visuais, sonoros, escritos, falados, ou por depoimentos. Consegui, com este processo, aprender na prática todas as fases que acontecem em uma produção audiovisual e também as etapas do formato documentário, desde a pré-produção, a produção, até a pós-produção.

Este projeto só foi possível se concretizar, apresentando um resultado muito positivo e satisfatório, através do suporte proporcionado pela UFSM, desde equipamentos e materiais até o auxílio dos técnicos e professores. Com a realização deste projeto consegui adentrar de forma mais profunda o tema em interesse aqui abordado, aprendi e realizei na prática todas as etapas da produção de um documentário do subgênero poético. A produção do documentário *Metamorfoses* me possibilitou um novo contato em relação ao tema, através de pesquisas e uma maior proximidade com pessoas do meio profissional e ou adeptos da prática da tatuagem e da *body modification*, além da aprendizagem na prática de todo o processo de criação à execução de um documentário e a realização de um produto comunicacional midiático rico em conteúdo e de caráter estético refinado.

Durante a graduação do curso de Comunicação Social - Produção Editorial na UFSM somos apresentados às diversas plataformas e produções que podemos executar como produtor editorial, como: produção de livros e revistas impressos ou no formato *e-book*, *web sites* e audiovisual. É importante salientar quem o curso de Produção Editorial na UFSM é recente, o que acarreta em vários entraves desde seu planejamento e execução de conteúdo e disciplinas, no uso de equipamentos e laboratórios. Visto que o curso é mais voltado para a área da produção de livros, se ausentando nas demais plataformas de mídias, sendo do interesse do aluno buscar por conhecimento e, principalmente, atividades práticas. Porém, ele forma profissionais que possuem um prévio conhecimento de criação em diversos meios

mediáticos mas que não aprofunda inteiramente a execução numa determinada área. Eu escolhi trabalhar com o audiovisual, no qual aprendi questões técnicas através de trabalhos práticos durante o meu estágio na TV Campus e na execução deste projeto experimental com o suporte (técnico e de profissionais da área) do Estúdio 21. É importante que enxerguem o produtor editorial, formado pela UFSM, como um profissional promissor e apto na área do audiovisual, tanto referente ao mercado de trabalho como na formação dos próximos profissionais durante o decorrer do curso, para que ajam maiores oportunidades de trabalho na área, e também, mais disciplinas e melhores condições de suporte durante a graduação no curso. Pois, acima de tudo, o Produtor Editorial é um comunicador e um profissional apto a criar e produzir, da melhor maneira possível nas mais diversas linguagens, a mensagem que se quer comunicar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nathalia; SOARES, Priscila. **Corpo Ao Extremo: A NOVA FACE DE UMA CULTURA MODIFICADA**. São Paulo: In House, 2012. 146 p.

ALMEIDA, Danilo. Da imagem tecnológica do corpo às imagens poéticas dos corpos. In: LYRA, Bernadette e GARCIA, Wilton. (Org.). **Corpo & imagem**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002, p.229-240.

ANGEL, T. **Body modification: apropriações culturais e falhas interpretativas**. 2013. Disponível em: <<http://www.frrrkguys.com.br/body-modification-apropriacoes-culturais-e-falhas-interpretativas/>>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 88 p.

BARRA, Mário. **Filme "Elena" traz diretora em busca da irmã e da própria identidade**. 2013. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/10/filme-elena-traz-diretora-em-busca-da-irma-e-da-propria-identidade.htm?foto=6>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BÍBLIA, A. T. Gênesis. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Padre Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Editora Maltese, [s. d.], p. 7.

CABRAL, Ana Cristina Bochnia. Estudo etnográfico sobre o campo da tatuagem na cidade de Cascavel- PR. **Revista Alamedas**, Toledo, v. 2, n. 1, p.2-18, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **A linguagem**. 2000. Disponível em: <<http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/antropos/linguagem>>. Acesso em: 08 de julho de 2017.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 177 p.

COLARES, Vinicius. **Uma marca da personalidade**. 2014. Disponível em: <<http://empauta.ufpel.edu.br/?p=1898>>. Acesso em: 13 de maio de 2017.

CORDEIRO, Robson Luiz Alves; PERETTI, Clélia. **CORPOS LIVRES PESSOAS APRISIONADAS. CADERNO TEOLÓGICO DA PUCPR**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 149-172, 2014.

DESCARTES, René. **MEDITAÇÕES METAFÍSICAS**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. 200 p.

DOEDERLEIN, João. **O livro dos ressignificados**. 1. ed. São Paulo: Editora Paralela, 2017. 216 p.

ELÓI, Jorge. **A Psicologia da Dor**. 2013. Disponível em: <<http://www.psicologiafree.com/atualidade/a-psicologia-da-dor-2/>>. Acesso em: 22 de junho de 2017.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Do renascimento das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil. In: PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (Org.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 71-102.

FORGHIERI, Marisa. O corpo em uma perspectiva nietzscheana. In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton (Org.). **Corpo & Imagem**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002. p. 293-297.

FRANCO JUNIOR, José. **Filosofia da linguagem**. 2014. Disponível em: <<https://athenateu.blogspot.com.br/2014/02/filosofia-da-linguagem.html>>. Acesso em: 08 de julho de 2017.

FREIRE, Cristina. **Arte Conceitual**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006. 81 p.

HACK, Arthur Wolff. **A voz over como instrumento narrativo: narração, repetição e estilo em Berlin Alexanderplatz**. 2014. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. GG Brasil. 2012. 311 p.

ISSA, Brisa. **O que você ainda não sabia sobre o pai da tatuagem Old School**. 2015. Disponível em: <<http://universoretro.com.br/o-que-voce-ainda-nao-sabia-sobre-o-pai-da-tatuagem-old-school/>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

KAWANAMI, Silvia. **A História da Tatuagem no Japão**. 2014. Disponível em: <<http://www.japaoemfoco.com/tatuagem-japonesa-tradicional/>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2003. 240 p.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 408 p.

MACAUE, Marcelo. **Documentário e seus tipos segundo “Bill Nichols”**. 2012. Disponível em: <<https://portaldocurta.wordpress.com/2012/11/03/documentario-e-seus-tipos-segundo-bill-nichols/>>. Acesso em: 08 de julho de 2017.

MACEDO, Sybele; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. O ato de tatuar-se: gozo e identificação o ato de tatuar-se. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, p. 138-155, dez. 2015.

Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200010&lng=pt&nrm=iso>.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014.

MELO, Rafaela Cristinne de Andrade de. **TATUAGEM COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO: UMA EXPRESSÃO CORPORAL**. 2007. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Comunicação Social, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.

MIRANDA, José Bragança de. **Corpo e Imagem**. São Paulo: Annablume, 2011. 186 p.
MALYSSE, Sthéphane. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto? In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton (Org.). **Corpo & Imagem**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002. p. 67-74.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

OLIVEIRA, Niara de. **Múmia de 5.300 anos tem mais de 60 tatuagens**. 2015. Disponível em:
<<https://mundodastatuagens.com.br/blog/2015/02/mumia-de-5-300-anos-tem-mais-de-60-tatuagens/>>. Acesso em: 13 de maio dec2017.

PESSOA, Frederico Augusto Vianna de Assis. **O lugar fora do lugar: topografias sonoras do cinema documentário**. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Artes, Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**. São Paulo: Senac, 2005. 181 p.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Corpo inciso, vazado, transmudado...temporalidades**. São Paulo: Annablume, 2009. 132 p.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papyrus Editora, 2013. 144 p.

RAMOS, Fernão (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema**. Vol. I e II. São Paulo: Editora SENAC, 2004. Mas Afinal... O que é Mesmo Documentário? São Paulo: Editora SENAC, 2008.

RUSSO, Francisco. **Elena: Uma viagem pessoal**. [s. d.]. Disponível em:
<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-212170/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: 07 de maio de 2017.

SKIN DEEP – A YOUTH CULTURE TATTOO DOCUMENTARY. Thinkhouse, 2013. 8'13''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bw7WMKx6WE4>>. Acesso em 16 de dezembro de 2017.

SKULLS SNAKES AND THE FLOWER OF DEATH. Direção: James Worsley and Pedro de la Fuente. Produção: Autobahn Productions. Autobahn, 2017. 4'25''. Disponível em: <<https://vimeo.com/220987498>>. Acesso em 16 de dezembro de 2017.

VALE, V; JUNO, Andrea. **Tatuaggi, corpo, spirito.** Milão: Apogeo Editore, 1994. 256 p. Traduções italiana por Tony Stanley.

WIKIPÉDIA. **Hip Hop.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

WIKIPÉDIA. **Hippie.** Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hippie>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

WIKIPÉDIA. **Rockabilly.** Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rockabilly>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

WIKIPÉDIA. **Rocker (motoqueiros).** Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rocker_\(motoqueiros\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rocker_(motoqueiros))>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

WIKIPÉDIA. **Skinhead.** Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Skinhead>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

WIKIPÉDIA. **Tribos Urbanas.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tribo_urbana>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A: PRIMEIRO ROTEIRO

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO TATUAGEM

| | |
|---------------------------------|---|
| Roteirista: Natália Beck | Status do roteiro: Pré-Produção e Produção |
| Tempo estimado: (?) | Revisado por: |
| Versão: 1 | |

| VÍDEO | ÁUDIO | DESCRIÇÃO DE CENAS | OBSERVAÇÕES |
|--|---|--|--|
| Descrição das Imagens Indicação do entrevistado/ personagens Nome das imagens | Locução/narração Inserir as perguntas | Indicação de planos, movimentações de câmera Indicação para montagem (cortes, inserts, transições) Indicação de ação Indicação de local | Lembretes Decupagens |
| | Trilha Instrumental (começa antes da narração e vai até os depoimentos?) Locução/narração “O mundo existe num ritmo pulsante. E a fluidez, se torna o nosso âmbito.” | | Grupo da música irá fazer a partir do corte bruto das gravações. Narração será gravada na voz do Thiago Brenner (ator) no Estúdio de áudio do 21 (com o Márcio). Esta narração é a introdução (rever se é necessária). |

| | | | |
|--|--|--|-------------|
| | <p>“Por mim, passam pelas ruas vidas preenchidas de laços efêmeros e relações fugazes.”</p> | | |
| | <p>“Informações inundam os lugares onde estamos. Possibilidades de ver, de ter, de ser emergem à nossa volta.”</p> | | ***REVER*** |
| | <p>“A diversidade das singularidades das culturas se mesclam. Às vezes, desta mistura se forma uma, em outros momentos se dispersam. Em meio a estas realidades, me pego em contradição comigo mesmo.”</p> | | |
| | <p>“A minha história se enraíza e toma forma. As pessoas que eu amei e os lugares que eu conheci. As escolhas que fiz e os caminhos que tracei. As saudades que ficam e as dores que carrego, fazem de mim, eu.”</p> | | |
| | <p>“E em meio a esta liquidez escolhi me solidificar. Personificar o meu eu. Marcar em minha pele cada singularidade que sou. Por meio de desenhos, cores, traços, formas e linhas.”</p> | | |

| | | | |
|---------------|---|--|---|
| | | | |
| TÍTULO DO DOC | Pausa na trilha (?) | | <p>Definir na edição a pausa da trilha (impacto).</p> <p>Título na cor branca, caixa alta, centralizado. Escolher fonte.</p> <p>Escolher alguma imagem abstrata para pôr o texto do título em cima.</p> |
| Trilha | <p>“A pele é o que separa o de dentro do de fora. É a fronteira entre eu e o mundo.”</p> | | <p>Esta narração é subdividida sobre a pele.</p> |
| | <p>“A nossa pele conta a nossa história. Diz algo sobre o nosso interior, nossas origens... Ela nos protege, nos une e nos separa...”</p> | | |
| | <p>“Nela, o tempo molda, por meio de marcas, vincos e linhas o registro de nossa existência.”</p> | | |
| | <p>“Meu corpo é mais um meio para me comunicar... Por meio dele vivencio sensações de prazer e de dor.”</p> | | |
| | <p>“Cada ser é único, cada corpo é um universo.”</p> | | |

| | | | |
|--|--|--|---|
| | <p>“Nossa pele possui diversas tonalidades, mas eu escolhi colorir a minha.”</p> | <p>Cena aberta, no Estúdio 21, fundo preto. Criança (+/- 4 anos de idade) se desenhando com canetinhas.</p> | <p>Esta narração é sobre a identidade.</p> <p>Fazer cenas detalhes para inserir em outra narração caso precise.</p> |
| | <p>“Minha identidade me distingue, eu me destaco, me diferencio dos demais”</p> | <p>Cenas detalhe de tatuagens/modificações, características individuais.</p> | <p>Entrevistados.</p> |
| | <p>“Nós construímos a nossa identidade e modificamos nosso corpo a partir dela”</p> | <p>Imagens abertas e detalhe de uma pessoa jovem tatuada e uma pessoa idosa tatuada. Estúdio 21/fundo preto.</p> | |
| | <p>“Nós somos autores e personagens da nossa história. E a minha história, eu escrevo em meu corpo.”</p> | <p>Imagens do ator desenhando em cima da imagem dele refletida no espelho.</p> | |
| | <p>“Em meio aos demais eu me descubro. A cada dia, a cada momento. E assim reafirmo quem eu realmente sou.”</p> | <p>Cena aberta do ator andando na direção contrária das pessoas da rua.</p> | <p>Filmar estas cenas na parede grafitada perto do Royal.</p> |
| | <p>“Minha pele, minha tela. Meu corpo expressa a minha subjetividade. O que eu gosto e quem eu sou.”</p> <p>“E eu escolho como eu quero ser visto aos olhos dos outros.”</p> | <p>Plano aberto do ator semi nu com imagens de projeção em seu corpo. Fundo preto.</p> | <p>Pesquisar um vídeo para a projeção.</p> |

| | | | |
|--|--|--|---|
| | <p>“Nós nos identificamos com a arte e lutamos pela liberdade. A tatuagem nos une.”</p> | <p>Cenas plano aberto de (três) pessoas tatuadas semi nuas, de pé, paradas. Fundo preto do estúdio.</p> | |
| | <p>“Não sei se estou fora dos padrões.”</p> | <p>Plano aberto e médio de duas pessoas tatuadas (seminuas) e uma sem tatuagem (seminua) no meio. Todos parados de pé. Imagem no estúdio, fundo preto.</p> | |
| | <p>“Eu apenas sigo o meu coração. Gosto de me expressar. É assim que sou.”</p> | <p>Plano detalhe do colo do peito tatuado.</p> | <p>Ver dos entrevistados quem tem para fazer as imagens.</p> |
| | <p>“As minhas tatuagens contam quem eu sou. Porém, não dizem tudo.”</p> <p>“Então, por favor não julgue.”</p> | | |
| | <p>“Eu escolhi marcar, com tinta, a minha pele. E nela tatuar memórias.”</p> <p>Pausar trilha antes e deixar áudio da máquina de tatuagem.</p> | <p>Cena plano detalhe (em slow motion) da agulha penetrando a pele na hora da tatuagem.</p> | <p>Esta narração é sobre tatuagem.</p> <p>Esta imagem será gravada num estúdio de tatuagem com a câmara do Thomás.</p> <p>Ver o áudio da máquina de tatuagem no vídeo “Skull, snakes and the flowers of death” 02:22. Usar algo parecido.</p> |

| | | | |
|--|--|--|---|
| | <p>A trilha continua.</p> <p>“Escolhi marcar com tinta as minhas memórias. Elas permanecerão para sempre comigo, aqui, na minha pele, no meu corpo.”</p> | <p>Plano detalhe de tatuagens.</p> | |
| | <p>“- Dói? Muitos me perguntam.”</p> | <p>Volta a imagem slow da agulha perfurando a pele.</p> | |
| | <p>“Quando a agulha perfura a pele depositando tinta, a dor existe ali, apenas no momento.”</p> | <p>Plano detalhe do ator debaixo d’água com o efeito de cores.</p> | <p>Usar a câmera slow do Thomás e a minha Nikon d5100.</p> <p>Testar antes: o case e qual tinta/corante dá o melhor efeito.</p> |
| | <p>“Na vida, sofremos perdas, pulsando dor permanente. Amores que se tornam histórias e pessoas que deixam saudades. Eu aprendi a não teme-la.”</p> <p>“Para que haja metamorfoses, transições são necessárias, e este processo é importante.”</p> | | |

| | | | |
|--|---|--|---|
| | <p>“Sobre os significados somente eu os interpreto inteiramente.”</p> <p>“Por trás de cada traço, há um universo de sentido pelo qual me identifico.”</p> | | |
| | <p>“E não, não é um erro. E nem anseio passageiro. As minhas tatuagens são minhas escolhas e fazem parte da vida que escolhi para mim.”</p> | <p>Imagem aberta de um homem e uma mulher tatuados com um bebê semi nu no colo. Eles devem estar em pé e parados. Fundo preto/estúdio.</p> | |
| | <p>“Minhas tatuagens não me fazem melhor ou pior que você. Apenas me representam, são marcas visuais da minha personalidade e história. Eu me expresso visualmente para o mundo quem eu sou.”</p> | | |
| | <p>“E cabe somente a mim ser responsável pelas minhas escolhas, pelo meu corpo e minhas modificações.”</p> | <p>Plano aberto fundo preto do estúdio. Mulher tatuada com coroa de flores vermelhas na cabeça, sentada num trono. Talvez pôr velas/candelabro; arrumar cenário.</p> | <p>Falar com a Débora L. Cadeira da santa tattoo.</p> |
| | | | <p>Final em aberto ou frases dos depoimentos.</p> |

APÊNDICE B: ENTREVISTA DOCUMENTÁRIO – TATUADORES

Dados: Nome/Idade/Cidade/Estúdio

Tatuagem

- 1) Me conte sobre o seu primeiro contato com a tatuagem... E qual era a sua visão em relação às pessoas tatuadas. PESSOAL
- 2) Por qual motivo e há quanto tempo você começou a tatuar? PESSOAL/PROFISSIONAL
- 3) Você procura conversar com o seu cliente sobre as motivações que os levam a se tatuar? Em relação a estes propósitos, há alguma motivação além da tatuagem feita por memória, homenagem a algo ou alguém ou que o significado se sobressaia a estética pura/superficial? Qual? PROFISSIONAL
- 4) Você percebe alguma conexão suscetível entre o tatuador e o cliente no momento de construir o “desenho” e durante o ato de tatuá-lo (no que se refere além do resultado estético da tatuagem, e sim uma conexão/compreensão da ideia/significado da tatuagem)? Se sim, para você, ao que se deve esta conexão? Você acha este vínculo é necessário, por quê? PROFISSIONAL
- 5) O ato de se tatuar envolve todo um processo físico relacionado à dor, já que a agulha perfura a primeira camada da pele depositando tinta na segunda camada, a derme. Cada pessoa possui, através de experiências anteriores, um próprio conceito acerca da “dor” como também, conseqüentemente, seus níveis de resistência à mesma – suportável/insuportável. Algumas tatuagens levam várias sessões de diversas horas para serem feitas. Em relação a este processo físico e doloroso, após o término do procedimento da tatuagem, você nota algum tipo de mudança “interna” (como superação, resistência, etc) no cliente decorrente desta experiência? Se sim, na sua visão, ao que se deve esta transição? Você sente que após este processo o cliente consegue dominar e superar alguns medos e anseios sentindo-se mais corajoso, seguro e confiante em relação à vida? PESSOAL/PROFISSIONAL
- 6) O que significa “tatuagem” para você? (Bem livre... forma de expressão, manifestação visual, construção e modificação da imagem física do eu, demarcação de alguma fase/sentimento, memória...) PESSOAL

Identidade

- 7) São diversas as motivações que levam uma pessoa a se tatuar, como por exemplo: a demarcação de uma fase/mudança na vida; uma homenagem a algo ou alguém influente; memória pessoal; caráter puramente estético por gosto individual ou algum desenho em tendência na moda. Você possui alguma tatuagem pela qual não tenha sido feita por nenhum dos propósitos descritos anteriormente? Se sim, qual? E o que ela significa para você? Após feita esta tatuagem, você notou alguma “mudança interior” aparente em si (sentimento de contentamento e realização de materializar no próprio corpo e ver fisicamente em si algo que condiz com a tua essência, personalidade)? PESSOAL

- 8) Me conte um pouco sobre a sua visão em relação a tatuagem, ainda neste âmbito, como recurso visual e simbólico que possibilita numa personificação física e expressão de si, como também, um meio de manifestação da identidade pessoal, personalidade, visão de mundo, ideologia - que é subjetivo a cada ser e que geralmente fica preso ao mundo das ideias/sentimentos.
- 9) Algumas pessoas – por vontade própria – optam por modificar os seus corpos através de intervenções mais extremas e irreversíveis que a tatuagem. Como por exemplo, possuir diversas quantidades de piercings/perfurações, alargadores de grandes expansões, implantes transdermais/subcutâneos, bifurcação de língua, escarificações, etc. Eles usam destes meios de intervenções para construir fisicamente em seus corpos os seus conceitos particulares de beleza e também a estética que mais lhe agradam, a fim de se sentirem mais satisfeitos com a sua própria imagem mesmo que, muitas vezes, não se encaixem no estereótipo padrão para a sociedade. Você possui alguma modificação corporal ou faria alguma? Me conte a sua percepção em relação a estas práticas e a iniciativa de poder intervir fisicamente no corpo como bem entender. Você acredita que estas modificações vão além de motivações estéticas, por quê?
- 10) As **tribos urbanas** conhecidas como ‘**subculturas**’ ou ‘**subsociedades**’ são grupos formados nas grandes cidades, os quais compartilham de hábitos, valores culturais, visões de mundo, ideologias políticas semelhantes, estilos musicais e etc. Este fenômeno surge da necessidade dos indivíduos se agruparem, integrando algum círculo afim de criarem uma identidade social. Você se identifica com alguma tribo urbana? Qual e por quê? Qual a importância de se identificar e integrar uma tribo? PESSOAL (SE ACHAR NECESSÁRIO)

Arte

- 11) A arte possibilita, através de meios e técnicas, uma livre expressão, criação e exposição estética por meios subjetivos, sensitivos, racionais e irracionais do sujeito que cria a obra. Que tipo de auxílio/suporte você percebe que a arte possibilita para o autoconhecimento do artista e a afirmação da identidade pessoal ou profissional do mesmo? Me conte um pouco sobre sua visão acerca desta ligação e como isto afeta no lado pessoal e profissional. Caso não veja uma conexão ou não possua, você gostaria de ter, ela faz falta, por quê? PESSOAL/PROFISSIONAL
- 12) O que significa “arte” para você? PESSOAL

APÊNDICE C: ENTREVISTA DOCUMENTÁRIO - TATUADOS

Dados: Nome/Idade/Profissão/Cidade

Tatuagem

- 1) Quando foi a primeira vez que você teve contato com a tatuagem? Você sempre quis se tatuar? Porquê?
- 2) Qual era a sua visão em relação às pessoas tatuadas? Porquê?
- 3) Quando você fez a sua primeira tatuagem (idade)? Qual foi a sua reação após se ver tatuado?
- 4) Você prefere tatuar sempre com o mesmo tatuador ou você já tatuou com profissionais diferentes e pensa que isso não interfere no resultado final? Você costuma pedir a opinião do tatuador para criar/modificar o desenho? Por quê?
- 5) Você percebe alguma conexão suscetível entre o tatuador e o cliente no momento de construir o “desenho” e durante o ato de tatuá-lo (no que se refere além do resultado estético da tatuagem, e sim uma conexão/compreensão da ideia/significado da tatuagem)? Se sim, para você, ao que se deve esta conexão? Você acha este vínculo é necessário, por quê?
- 6) O ato de se tatuar envolve todo um processo físico relacionado à dor, já que a agulha perfura a primeira camada da pele depositando tinta na segunda camada, a derme. Cada pessoa possui, através de experiências anteriores, um próprio conceito acerca da “dor” como também, conseqüentemente, seus níveis de resistência à mesma – suportável/insuportável. Algumas tatuagens levam várias sessões de diversas horas para serem feitas. Como você lida com este processo físico e doloroso durante o procedimento da tatuagem? Após o término, você nota algum tipo de mudança “interna” (antes/depois de se tatuar) em si decorrente desta experiência? Se sim, na sua visão, ao que se deve esta transição? Você sente que após passar por este processo você consegue dominar e superar alguns medos e ansios, sentindo-se mais corajoso, seguro e confiante em relação à vida?
- 7) O que significa “tatuagem” para você? (Bem livre... forma de expressão, manifestação visual, construção e modificação da imagem física do eu, demarcação de alguma fase/sentimento, memória...)

Identidade

- 8) São diversas as motivações que levam uma pessoa a se tatuar, como por exemplo: a demarcação de uma fase/mudança na vida; uma homenagem a algo ou alguém influente; memória pessoal; caráter puramente estético por gosto individual ou algum desenho em tendência na moda. Você possui alguma tatuagem pela qual não tenha sido feita por nenhum dos propósitos descritos anteriormente? Se sim, qual? E o que ela significa para você? Após feita esta tatuagem, você notou alguma “mudança interior” (sentimento de contentamento e realização de materializar no próprio corpo e ver fisicamente em si algo que condiz com a tua essência, personalidade, com o teu eu)?

- 9) Me conte um pouco sobre a sua visão em relação a tatuagem, ainda neste âmbito, como recurso visual e simbólico que possibilita numa personificação física e expressão de si, como também, um meio de manifestação da identidade pessoal, personalidade, visão de mundo, ideologia - que é subjetivo a cada ser e que geralmente fica preso ao mundo das ideias/sentimentos.
- 10) Algumas pessoas – por vontade própria – optam por modificar os seus corpos através de intervenções mais extremas e irreversíveis que a tatuagem. Como por exemplo, possuir diversas quantidades de piercings/perfurações, alargadores de grandes expansões, implantes transdermais/subcutâneos, bifurcação de língua, escarificações, etc. Eles usam destes meios de intervenções para construir fisicamente em seus corpos os seus conceitos particulares de beleza e também a estética que mais lhe agradam, a fim de se sentirem mais satisfeitos com a sua própria imagem mesmo que, muitas vezes, não se encaixem no estereótipo padrão para a sociedade. Você possui alguma modificação corporal ou faria alguma? Me conte a sua percepção em relação a estas práticas e a iniciativa de poder intervir fisicamente no corpo como bem entender. Você acredita que estas modificações vão além de motivações estéticas, por quê?
- 11) As **tribos urbanas** conhecidas como ‘**subculturas**’ ou ‘**subsociedades**’ são grupos formados nas grandes cidades, os quais compartilham de hábitos, valores culturais, visões de mundo, ideologias políticas semelhantes, estilos musicais e etc. Este fenômeno surge da necessidade dos indivíduos se agruparem, integrando algum círculo afim de criarem uma identidade social. Você se identifica com alguma tribo urbana? Qual e por quê? Para você qual é a importância de se identificar e integrar uma tribo?

Arte

- 12) A arte possibilita, através de meios e técnicas, uma livre expressão, criação e exposição estética por meios subjetivos, sensitivos, racionais e irracionais do sujeito que cria a obra. Que tipo de auxílio/suporte você percebe que a arte possibilita para o autoconhecimento do artista e a afirmação da identidade pessoal ou profissional do mesmo? Me conte um pouco sobre sua visão acerca desta ligação e como isto afeta no seu lado pessoal e também na sua profissão. Caso não veja uma conexão ou não possua, você gostaria de ter, ela faz falta, por quê?
- 13) O que significa “arte” para você? Por que a arte é importante? (Bem livre... forma de expressão sentimental/subjetiva, manifestação visual, liberdade de criação, terapia, etc).

APÊNDICE D: POESIA ESCRITA COMO BASE PARA A NARRAÇÃO

Feito tatuagem

Sou dona de mim mesma.
Sou linha, forma, tinta e cor.
Pigmentos e agulhas penetram minha pele.
Marcam a mim, reafirmando quem sou.
Sou passado, presente e futuro.
Em definitivo, me marco
Em definitivo, permaneço
Feito chamuscas em coração pulsante
Por escolha própria te gravei aqui
Sob à pele pulsa tinta e sangue
O que antes, tela em branco, desenhos coloridos
Meu corpo
Nem só carne, sangue, ossos e vísceras me contemplam
Sou fluidez, arte e sentimento
Sou erros e acertos
Sou líquido, texturas e desenhos
Sou marcas e cicatrizes
Meu corpo, a meu querer, eu moldo
Corto, queimo, talho
E a identidade nele eu acho
A ti me reafirmo
O que creio e o que me condiz
Sob azul, verde e preto
O vermelho borbulha e forma raiz
Entre nomes de antigos amores
E andorinhas que em outros ventos eu vi
Minha pele conta minha história
E o processo de metamorfose se perpetua em mim
O meu ser antes incompleto,
Por todas as células se preenche e se deduz
Se a pele é o mais profundo

Que nela, me floresça um jardim
E brote cerejeiras, crisântemos e bromélias
E em meu peito,
Em tons de branco e preto
Minuciosos retratos, imortalizem
Memórias e histórias
Agora, pertenço a mim

APÊNDICE E: 1ª DECUPAGEM IMAGENS – DOC TATUAGEM

| ASSUNTO | PASTA | ARQUIVO | DEIXA INICIAL | DEIXA FINAL | OBS: |
|--|-----------------------|--------------|--|--|--|
| CAMILA VERMELHO ENTREVISTA | CAMILA VERMELHO CAM 1 | MVI_8097.MOV | DI: 02:47 DI: 06:48 DI: 07:15 | DF: 03:08 DF: 07:15 DF: 07:40 | Intercalar estas imagens da entrevista com o a do plano mais aberto (MVI_8290 à MVI_8293). |
| | | MVI_8098.MOV | DI: 02:38 DI: 02:45 DI: 06:03 DI: 07:26 DI: 08:20 DI: 10:20 DI: 11:10 DI: 11:23 | DF: 02:40 DF: 02:57 DF: 06:11 DF: 08:16 DF: 08:36 DF: 10:30 DF: 11:15 DF: 11:37 | |
| | | MVI_8099.MOV | DI: 02:11 DI: 04:15 DI: 08:01 | DF: 02:13 DF: 04:35 DF: 08:09 | |
| | | MVI_8100.MOV | DI: 00:43 DI: 01:28 DI: 02:10 DI: 04:04 | DF: 00:49 DF: 01:33 DF: 02:16 DF: 04:12 | |
| CAMILA VERMELHO CENAS TATUAGENS | CAMILA VERMELHO CAM 2 | MVI_8296.MOV | DI: 00:05 | DF: 00:13 | |
| | | MVI_8298.MOV | DI: 00:04 | DF: 00:10 | |
| | | MVI_8300.MOV | DI: 00:03 | DF:00:07 | |
| | | MVI_8301.MOV | DI: 00:07 | DF: 00:11 | |
| | | MVI_8302.MOV | DI: 00:12 | DF: 00:16 | |
| | | MVI_8309.MOV | DI: 00:03 | DF: 00:07 | |

| | | | | | |
|-------------------------------|--------------------|--------------------------------------|--|---|--|
| | | MVI_8310.MOV | DI: 00:05 DI: 00:24 | DF: 00:09 DF: 00:40 | (se conseguir estabilizar ou a MVI_8311.MOV) (usar apenas se não tiver outras para cobrir) (ou MVI_8313.MOV) |
| | | MVI_8303.MOV | DI: 00:04 | DF: 00:08 | |
| | | MVI_8312.MOV | DI: 00:03 | DF: 00:13 | |
| | | MVI_8314.MOV (ou) MVI_8314.MOV | DI: 00:02 DI: 00:27 | DF: 00:19 DF: 00:44 | |
| ALICE CRIANÇA | ALICE CRIANÇA | MVI_8882.MOV | DI: 01:51 | DF:02:04 | (ou em diante) |
| | | MVI_8884.MOV | DI: 00:04 | DF: 00:08 | |
| | | MVI_8888.MOV | DI: 00:10 | DF: 00:14 | |
| | | MVI_8891.MOV (ou) MVI_8891.MOV | DI: 00:02 DI: 00:15 | DF:00:11 DF: 00:17 | |
| SERGIO DIAS ENTREVISTA | SERGIO DIAS | MVI_8942.MOV | DI: 00:52 DI: 07:02 DI:09:03 DI:09:39 DI:11:03 DI:11:33 DI:11:47 | DF:00:58 DF:07:11 DF: 09:22 DF:09:50 DF:11:07 DF:11:42 DF:12:20 | Usar MVI_9053 Intercalar c/ MVAI_9035 E 9036 cenas fechadas |
| | | MVI_8943.MOV | DI: 00:33 DI:01:39 DI:05:03 DI: 05:15 DI: 05:59 DI:06:20 | DF: 01:26 DF:01:49 DF: 05:07 DF: 05:23 DF:06:12 DF:06:26 | |
| SERGIO DIAS IMAGENS | SERGIO DIAS | MVI_8944.MOV | DI:00:18 | DF:00:23 | |
| | | MVI_8945.MOV | DI:00:03 | DF:00:12 | |
| | | MVI_8947.MOV | DI:00:02 | DF:00:11 | |
| | | MVI_8948.MOV | DI:00:02 | DF: 00:15 | |
| | | MVI_8949.MOV | DI:00:24 | DF:00:34 | |
| | | MVI_8950.MOV | DI:00:04 | DF: 00:11 | |
| | | MVI_8951.MOV | DI:00:14 | DF:00:30 | |

| | | | | | |
|--------------------------------|------------------------|--------------|----------------------------------|----------------------------------|--|
| | | MVI_8952.MOV | DI:00:06 | DF:00:17 | Usar toda a 8955 |
| | | MVI_8953.MOV | DI:00:18 | DF: 00:23 | |
| | | MVI_8954.MOV | DI:00:33 | DF:00:41 | |
| | | MVI_8955.MOV | - | - | |
| | | MVI_8956.MOV | DI:00:02 | DF:00:11 | |
| | | MVI_8960.MOV | DI: 00:15 DI: 00:22 | DF:00:21 DF:00:31 | |
| JEFERSON SANTOS IMAGENS | JEFERSON SANTOS | MVI_8899.MOV | DI:00:03 | DF:00:07 | Fazer slow/ usar esta ou as duas próximas 8902/8904 Ou a debaixo Usar toda esta |
| | | MVI_8902.MOV | DI:00:04 | DF:00:09 | |
| | | MVI_8904.MOV | DI:00:10 | DF:00:13 | |
| | | MVI_8908.MOV | DI:00:05 | DF:00:13 | |
| | | MVI_8911.MOV | DI: 00:03 | DF:00:17 | |
| | | MVI_8919.MOV | DI: 00:03 | DF:00:12 | |
| | | MVI_8925.MOV | DI: 00:35 | DF:00:43 | |
| | | MVI_8928.MOV | DI: 00:24 | DF:00:27 | |
| | | MVI_8930.MOV | DI: 00:07 | DF:00:11 | |
| | | MVI_8931.MOV | DI:00:18 DI:00:25 DI:00:26 | DF:00:24 DF:00:29 DF:00:34 | |
| | | MVI_8933.MOV | - | - | |
| | | MVI_8935.MOV | DI: 00:22 | 00:34 | |
| BRENDA BUGS IMAGENS | BRENDA BUGS | MVI_8305.MOV | DI:00:02 | DF: 00:20 | |
| | | MVI_8308.MOV | DI: 00:17 | DF: 00:23 | |
| | | MVI_8316.MOV | DI:00:08 | DF: 00:15 | |
| | | MVI_8310.MOV | DI: 00:07 | DF: 00:12 | |
| | | MVI_8290.MOV | DI: 00:02 | DF: 00:10 | |

| | | | | | |
|-------------------------------|-----------------------------|--|--|---|------------------|
| | | | | | Talvez usar esta |
| MINHAS CENAS PELE | MINHAS CENAS PELE | MVI_9067.MOV MVI_9075.MOV MVI_9077.MOV MVI_9079.MOV MVI_9082.MOV MVI_9086.MOV | DI: 00:38 DI: 01:10 DI: 01:45 DI:00:12 DI: 00:03 DI: 00:13 DI: 00:22 DI: 00:23 | DF: 00:47 DF: 01:16 DF: 01:52 DF:00:32 DF: 00:20 DF: 00:18 DF: 00:34 DF: 00:34 | |
| WILLIAM ROSA IMAGENS | WILLIAM ROSA | MVI_9106.MOV MVI_9047.MOV MVI_9048.MOV MVI_9050.MOV MVI_9052.MOV MVI_9055.MOV MVI_9056.MOV MVI_9060.MOV MVI_9061.MOV MVI_9064.MOV | DI: 00:04 DI: 00:04 DI:00:09 DI: 00:03 DI:00:05 DI: 00:14 DI:00:16 DI:00:06 DI:00:08 DI:00:30 | DF: 00:10 DF:00:11 DF:00:12 DF:00:10 DF: 00:13 DF:00:22 DF:00:22 DF:00:16 DF:00:19 DF:00:44 | Usar slow nessa |
| LENON CARVALHO IMAGENS | LENON CARVALHO CAM 4 | MVI_9106.MOV MVI_9109.MOV MVI_9110.MOV MVI_9114.MOV MVI_9116.MOV MVI_9117.MOV | DI:00:40 DI: 00:02 DI:00:04 DI: 00:01 DI: 00:05 DI: 00:06 | DF:00:50 DF:00:09 DF:00:09 DF:00:08 DF:00:12 DF:00:10 | |

| | | | | | |
|--|---|---|---|--|---|
| LENON CARVALHO ENTREVISTA | LENON CARAVLHO CAM 3 | MVI_9119.MOV | DI:00:03 | DF:00:10 | |
| | | MVI_9120.MOV | DI:00:11 | DF:00:18 | |
| | | MVI_9121.MOV | DI:00:22 | DF:00:33 | |
| | | MVI_9095.MOV | DI:00:21 DI:00:41 DI:01:00 DI:02:12 DI:02:21 DI:02:40 DI:03:10 DI:03:57 | DF: 00:32 DF:00:50 DF:01:30 DF:02:18 DF:02:29 DF:02:47 DF:03:34 DF:04:06 | |
| | | MVI_9096.MOV | DI:01:06 DI:01:33 DI:01:53 DI:03:36 DI:04:29 DI:05:27 DI:06:21 DI:07:02 | DF: 01:25 DF:01:48 DF:02:28 DF:03:59 DF:04:40 DF:05:47 DF:06:35 DF:07:12 | |
| MVI_9097.MOV | DI:00:12 DI:01:39 DI:02:19 DI:03:16 DI:03:49 DI:05:50 | DF:00:36 DF:02:05 DF:03:11 DF:03:22 DF:04:42 DF:06:21 | | | |
| MVI_9098.MOV | DI:02:42 DI:03:00 | DF:02:49 DF:03:22 | | | |
| FERNANDA BONA ENTREVISTA | FERNANDA BONA CAM 2 | MVI_9424 | DI: 00:36 DI: 1:13 DI: 1:39 DI: 1:49 DI: 03:11 DI: 05:48 DI: 06:51 DI: 7:50 DI: 08:08 | DF: 1:00 DF: 1:28 DF: 1:43 DF: 2:08 DF: 03:19 DF: 06:06 DF: 07:10 DF: 8:00 DF: 08:19 | Intercalar esta entrevista com as imagens da pasta CAM1arquivos MVI_9200 e MVI_9201 |
| MVI_9425 | DI: 00:31 DI: 00:47 DI: 1:24 DI: 1:55 DI: 02:05 DI: 05:27 DI: 05:41 | DF: 00:40 DF: 00:52 DF: 1:28 DF: 1:57 DF: 02:08 DF: 05:33 DF: 05:52 | | | |

| | | | | | |
|--|-----------------------------------|--------------|--|--|--|
| FERNANDA BONA IMAGENS | CAM 1 | MVI_9207.MOV | DI:00:09 | DF: 00:13 | |
| | | MVI_9209.MOV | DI: 00:27 | DF:00:31 | |
| | | MVI_9210.MOV | DI: 0:33 | DF: 0:39 | |
| | | MVI_9212.MOV | DI: 00:00 | DF: 00:04 | |
| | | MVI_9214.MOV | DI: 00:00 | DF:00:07 | |
| | | | DI:00:21 | DF: 00:25 | |
| | | MVI_9216.MOV | DI: 00:02 | DF:00:24 | |
| | | MVI_9217.MOV | DI:00:06 | DF:00:13 | |
| | | MVI_9219.MOV | DI: 00:01 | DF:00:06 | |
| | | MVI_9220.MOV | DI: 00:00 | DF:00:03 | |
| | | MVI_9221.MOV | DI: 00:04 | DF:00:06 | |
| | | MVI_9222.MOV | DI: 00:02 | DF:00:07 | |
| | | MVI_9223.MOV | DI: 00:04 | DF: 00:17 | |
| LAILA COELHO ENTREVISTA | LAILA COELHO CAM 1 | MVI_9529.MOV | DI:00:10 DI:00:40 DI:01:14 DI:02:33 DI:02:50 DI:05:08 DI:05:32 DI:06:08 DI:07:21 | DF:00:15 DF:00:50 DF:01:39 DF:02:40 DF:03:00 DF: 05:23 DF:06:00 DF:06:27 DF:07:52 | |
| | | MVI_9530.MOV | DI:01:02 DI:01:13 DI:01:54 DI:02:13 DI:03:09 DI:03:59 DI:05:47 DI:07:03 DI:07:58 DI:08:44 | DF:01:08 DF:01:33 DF:02:01 DF:02:44 DF:03:44 DF:04:25 DF:06:10 DF:07:27 DF:08:22 DF:08:59 | |
| | | MVI_9531.MOV | DI:03:13 DI:04:08 DI:05:39 DI:07:21 DI:07:27 DI:09:01 DI:10:11 DI:12:25 DI:12:55 | DF:03:57 DF:05:32 DF:06:15 DF:00:23 DF:07:34 DF:10:08 DF:10:17 DF:12:44 DF:13:18 | |

| | | | | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------|--|--|--|
| LAILA COELHO IMAGENS | LAILA COELHO CAM 2 | MVI_9532.MOV | DI:02:33 DI:03:16 DI:03:51 DI:05:58 DI:07:14 | DF:02:47 DF:03:49 DF:05:18 DF:06:44 DF:07:47 | |
| | | MVI_9315.MOV | DI:00:39 | DF:00:45 | |
| | | MVI_9314.MOV | DI: 00:07 | DF:00:10 | |
| | | MVI_9312.MOV | DI:00:09 DI:00:27 | DF:00:17 DF:00:30 | |
| | | MVI_9313.MOV | DI:00:19 | DF:00:20 | |
| | | MVI_9310.MOV | DI:00:01 | DF:00:05 | |
| | | MVI_9309.MOV | DI:00:00 DI:00:16 | DF:00:04 DF:00:19 | |
| | | MVI_9308.MOV | DI:00:15 DI:00:29 | DF:00:16 DF:00:32 | |
| | | MVI_9307.MOV | DI:00:02 | DF:00:04 | |
| | | MVI_9306.MOV | DI:00:04 | DF:00:13 | |
| | | MVI_9535.MOV | DI:00:03 | DF:00:05 | |
| | | MVI_9537.MOV | DI:00:04 | DF:00:09 | |
| | | MVI_9534.MOV | DI:00:00 | DF:00:03 | |

| TONALIDADES DE PELE | PELES | | | | | |
|---------------------|-------|--------------|-----------|-----------|------------------------------------|--|
| | | MVI_9466.MOV | DI: 00:12 | DF: 00:20 | Ou usar a MVI_9472.MOV | |
| | | MVI_9471.MOV | DI: 00:16 | DF: 00:20 | | |
| | | MVI_9473.MOV | DI: 00:17 | DF:00:23 | | |
| | | MVI_9475.MOV | DI:00:05 | DF:00:09 | | |
| | | MVI_9476.MOV | DI: 00:06 | DF:00:18 | | |
| | | MVI_9477.MOV | DI:00:19 | DF:00:23 | | |
| | | MVI_9478.MOV | DI: 00:04 | DF:00:08 | | |
| | | MVI_9479.MOV | DI:00:05 | DF:00:17 | | |
| | | MVI_9480.MOV | | | | Usar o que achar melhor deste arquivo. |
| | | MVI_9481.MOV | DI:00:10 | DI:00:14 | | |
| | | MVI_9482.MOV | DI:00:24 | DF: 00:43 | | |
| | | MVI_9484.MOV | DI: 00:11 | DF:00:18 | | |
| | | MVI_9485.MOV | DI:00:03 | DF:00:11 | | |
| | | MVI_9490.MOV | DI: 00:08 | DF:00:11 | ou a debaixo: (se precisar) | |
| | | MVI_9491.MOV | DI:00:05 | DF: 00:10 | | |
| | | MVI_9496.MOV | DI:00:02 | DF:00:08 | | |

| | | | | | |
|---|------------------------------------|--------------|--|--|--|
| ROBSON SANTOS ENTREVISTA | ROBSON SANTOS CAM 2 | MVI_9089.MOV | DI:1:23 | DF: 1:36 | Mesclar cenas da entrevista com as imagens da cam1 |
| | | MVI_9090.MOV | DI:00:49 DI:01:53 DI: 03:48 DI: 04:30 DI: 08:01 DI: 09:09 DI: 09:59 | DF: 01:07 DF: 02:06 DF:03:58 DF:04:33 DF: 08:10 DF: 09:12 DF:10:10 | |
| | | MVI_9091.MOV | DI: 00:20 DI: 01:30 DI: 02:37 DI: 05:53 DI:07:15 DI: 08:31 DI: 09:47 | DF: 00:24 DF:01:38 DF: 02:40 DF:06:03 DF:07:57 DF: 08:36 DF:10:22 | |
| | | MVI_9092.MOV | DI: 1:10 DI: 1:34 | DF:1:25 DF:2:16 | |
| | | MVI_9122.MOV | DI:00:07 | DF:00:10 | |
| | | MVI_9124.MOV | DI:00:04 | DF:00:09 | |
| | | MVI_9125.MOV | DI:00:04 | DF:00:08 | |
| | | MVI_9126.MOV | DI:00:17 | DF:00:23 | |
| | | MVI_9127.MOV | DI:00:05 | DF:00:10 | |
| | | MVI_9128.MOV | DI:00:13 | DF:00:17 | |
| ROBSON SANTOS IMAGENS | CAM 2 | MVI_9129.MOV | DI:00:13 | DF:00:21 | Ou a de baixo |
| | | MVI_9130.MOV | DI:00:10 | DF:00:11 | |
| | | MVI_9132.MOV | DI:00:01 | DF:00:20 | |
| | | MVI_9134.MOV | DI:00:17 | DF:00:19 | |

| | | | | | |
|---|------------------------------------|--------------|--|---|--|
| LUCAS CAMARGO ENTREVISTA | LUCAS CAMARGO CAM 2 | MVI_8923.MOV | DI: 00:37 DI: 03:00 DI: 07:35 DI: 09:11 DI:10:08 | DF:00:48 DF: 03:02 DF:07:42 DF:09:20 DF:10:51 | Intercalar com as outras imagens da entrevista pasta 2 |
| | | MVI_8924.MOV | DI:00:36 DI:00:55 DI: 04:23 DI:08:52 | DF:00:43 DF:01:30 DF:04:32 DF: 08:57 | |
| LUCAS CAMARGO IMAGENS | CAM 2 | MVI_8932.MOV | DI:00:13 DI:00:24 DI:00:53 DI: 01:02 | DF:00:20 DF:00:27 DF: 00:57 DF: 01:17 | Ou usar 8938.MOV Se precisar usar esta. |
| | | MVI_8933.MOV | DI:00:07 DI: 00:11 | DF:00:12 DF:00:15 | |
| | | MVI_8934.MOV | DI:00:31 | DF:00:40 | |
| | | MVI_8935.MOV | DI:00:02 | DF:00:10 | |
| | | MVI_8936.MOV | DI:00:04 | DF: 00:16 | |
| | | MVI_8937.MOV | DI:00:13 | DF:00:25 | |
| | | MVI_8943.MOV | DI: 00:04 | DF: 00:07 | |
| | | MVI_8930.MOV | - | - | |
| MAE DA JOSI IMAGENS | MARCIA MAE JOSI | MVI_9278.MOV | DI: 00:01 DI:00:24 | DF: 00:07 DF: 00:37 | Usar toda 9279 Talvez usar esta/se faltar |
| | | MVI_9279.MOV | - | - | |
| | | MVI_9281.MOV | DI: 00:20 | DF: 00:34 | |
| | | MVI_9289.MOV | - | - | |
| | | MVI_9283.MOV | DI: 00:18 DI:00:36 | DF: 00:25 DF:00:45 | |
| | | MVI_9284.MOV | DI: 00:02 DI: 00:38 | DF:00:05 DF:00:45 | |
| | | MVI_9285.MOV | DI:00:12 | DF:00:16 | |
| | | MVI_9287.MOV | DI:00:04 | DF:00:08 | |
| | | MVI_9288.MOV | DI:00:28 | DF:00:34 | |
| | | MVI_9289.MOV | DI:00:28 | DF:00:31 | |

| | | | | | |
|-------------------------------|----------------|--------------|---|---|-----------------------|
| | | MVI_9289.MOV | DI:00:15 | DF: 00:17 | |
| | | MVI_9291.MOV | DI: 00:13 | DF:00:15 | |
| | | MVI_9297.MOV | DI: 00:38 | DF:00:45 | |
| MAYKHON ENTREVISTA | MAYKHON | MVI_9133.MOV | DI: 00:42 DI:00:52 DI:01:00 DI:01:16 DI: 01:41 DI:03:41 DI:04:10 DI:05:01 DI:06:15 DI:07:12 DI:08:06 DI:08:30 DI: 08:59 DI:09:54 | DF: 00:48 DF:00:55 DF:01:08 DF:01:26 DF:02:06 DF:03:51 DF:04:47 DF:05:24 DF:06:35 DF:07:17 DF:08:30 DF:08:38 DF:09:40 DF:10:46 | Se necessário usar |
| | | MVI_9134.MOV | DI: 00:36 DI:01:19 DI:02:16 DI:04:26 DI:05:17 DI:06:19 | DF:01:08 DF:01:54 DF:02:47 DF:04:40 DF:05:36 DF:06:47 | |
| | | MVI_9135.MOV | DI:00:07 DI:00:39 | DF:00:14 DF:00:59 | |
| MAYKHON IMAGENS | MAYKHON | MVI_9249.MOV | DI:00:01 | DF:00:05 | Pôr um slow |
| | | MVI_9247.MOV | DI:00:19 | DF:00:22 | |
| | | MVI_9246.MOV | DI:00:08 | DF:00:11 | |
| | | MVI_9244.MOV | DI: 00:16 | DF:00:18 | |
| | | MVI_9243.MOV | DI:00:09 | DF:00:12 | |
| | | MVI_9242.MOV | DI:00:07 | DF:00:10 | |
| | | MVI_9230.MOV | DI:00:09 | DF:00:12 | |
| | | MVI_9228.MOV | DI:00:17 | DF:00:21 | |
| | | MVI_9227.MOV | DI:00:04 | DF:00:08 | |
| | | MVI_9231.MOV | DI:00:14 | DF:00:25 | |
| | | MVI_9236.MOV | DI: 00:10 | DF:00:13 | |
| | | MVI_9253.MOV | DI:00:11 | DF: 00:15 | |

| | | | | | |
|--------------------|--------------------|--------------|----------------------|-----------------------|---------------|
| THIAGO MURO | THIAGO MURO | P1390115.MOV | | | Está sem foco |
| | | P1390116.MOV | DI:00:31 | DF:00:53 | |
| | | P1390117.MOV | DI:00:17 | DF:00:53 | |
| | | P1390118.MOV | DI:00:36 DI:00:47 | DF:00:42 DF:01:00 | |
| | | P1390120.MOV | DI:00:28 | DF:01:15 | |
| | | P1390121.MOV | DI:00:25 DI:00:51 | DF: 00:50 DF:01:17 | |
| | | P1390123.MOV | DI:00:39 DI:00:52 | DF:00:52 DF:00:57 | |
| | | P1390124.MOV | DI:00:36 | DF: 01:20 | |
| | | P1390125.MOV | DI:00:23 | DF:00:49 | Tá plongée |
| | | P1390126.MOV | DI:00:48 | DF:02:02 | |
| | | P1390127.MOV | DI: 00:40 | DF: 01:34 | |
| | | P1390128.MOV | DI: 00:26 | DF:01:32 | |
| | | P1390129.MOV | DI: 00:47 | DF:01:44 | |
| | | P1390131.MOV | DI:00:32 | DF:01:12 | |
| | | P1390132.MOV | DI:00:44 | DF:01:27 | |
| | | P1390133.MOV | DI:00:48 | DF: 02:04 | |
| | | P1390136.MOV | DI:00:45 | DF: 01:05 | |
| | | P1390138.MOV | DI:01:00 | DF:01:16 | |
| | | P1390139.MOV | DI:00:34 | DF:00:44 | |
| | | P1390140.MOV | DI:00:49 | DF:01:53 | Ou a debaixo |
| | | P1390141.MOV | DI:00:31 | DF:01:02 | |
| | | P1390142.MOV | DI:00:38 | DF:00:55 | |
| | | P1390143.MOV | DI:00:53 | DF:01:04 | |

| | | | | | |
|--|--|--------------|----------|----------|--|
| | | P1390144.MOV | DI:01;00 | DF:01:22 | |
| | | P1390145.MOV | DI:00:23 | DF:01:16 | |

APÊNDICE F: CRÉDITOS DOC – METAMORFOSES

DIREÇÃO E ROTEIRO: NATÁLIA BECK

PRODUÇÃO: NATÁLIA BECK

ATUAÇÃO: THIAGO BRENNER

VOZ DE LOCUÇÃO: GUILHERME SENNA

DIREÇÃO DE ARTE: NATÁLIA BECK

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: DIEGO FABIAN PIMENTEL, NATÁLIA BECK E THOMÁS TOWNSEND

OPERAÇÃO DE CÂMERA: DIEGO FABIAN PIMENTEL, MARCOS CARGNIN, THOMÁS TOWNSEND

ILUMINAÇÃO CENA DA PERFORMANCE: GABRIEL MACHADO SOARES

MONTAGEM: NATÁLIA BECK

FINALIZAÇÃO E CORREÇÃO DE COR: NATÁLIA BECK, RAFAEL SILVEIRA E THOMÁS TOWNSEND

TRILHA SONORA ORIGINAL: ALEXANDRE BENDER E VICTOR MASCARENHAS

ORIENTAÇÃO DA TRILHA SONORA: MÁRCIO ECHEVERRIA GOMES

DESENHO DE SOM: NATÁLIA BECK SOB ORIENTAÇÃO DE LUCIANO MATTANA

SOM DIRETO: DIEGO FABIAN PIMENTEL E MÁRCIO ECHEVERRIA GOMES

ENTREVISTADOS:

CAMILA VERMELHO
FERNANDA BONA
LAILA COELHO
LENON CARVALHO
LUCAS CAMARGO
MAYKHON DIAS
ROBSON SANTOS
SÉRGIO DIAS

TATUADOS:

BRENDA BUGS
JEFERSON SANTOS
JOSIANE DOS SANTOS
MÁRCIA SOLANGE DOS SANTOS
WILLIAM ROSA

FIGURANTES:

ALICE COSTA DA SILVA
CARLOS ALBERTO BELLINASSO
DENNER HARTMANN
DILSON VARGAS PEIXOTO
GIULHA DEON
JEAN JAMES
JONAS BRASIL
KAMILA RUAS
LUCAS NUNES
PRISCILA MORAIS
PEDRO POSSER

PROJETO EXPERIMENTAL DE CONCLUSÃO DE CURSO
PRODUÇÃO EDITORIAL – COMUNICAÇÃO SOCIAL UFSM
SOB ORIENTAÇÃO DE LEANDRO STEVENS
COORIENTAÇÃO DE FELIPE DAGORT

AGRADECIMENTOS
SANTA TATTOO

APOIO:

ESTÚDIO 21
TV CAMPUS
ESTÚDIO EAD/CTISM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA